

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**CAMILA TORRES BRUM**

**O ESPÍRITO DA FEIRA  
A FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS, UM PATRIMÔNIO CULTURAL  
DE PORTO ALEGRE**

**PORTO ALEGRE  
2018**

CAMILA TORRES BRUM

**O ESPÍRITO DA FEIRA**  
**A FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS, UM PATRIMÔNIO CULTURAL**  
**DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel de Museologia, do curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Profa. Orientadora: Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi  
Coorientadora: Doutoranda Eliege Maria Fante

PORTO ALEGRE  
2018

## CIP - Catalogação na Publicação

Brum, Camila Torres

O Espírito da Feira: A Feira dos Agricultores Ecologistas, um patrimônio cultural de Porto Alegre / Camila Torres Brum. -- 2018.

64 f.

Orientador: Ilza Maria Tourinho Girardi.

Coorientador: Eliege Maria Fante.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Patrimônio Cultural . 2. Espírito do Lugar. 3. Agroecologia. 4. Feira dos Agricultores Ecologistas. 5. Porto Alegre. I. Girardi, Ilza Maria Tourinho, orient. II. Fante, Eliege Maria, coorient. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado.....  
.....  
....., de autoria de  
.....,  
estudante do curso de .....  
desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, ..... de ..... de 20.....

**Assinatura:**

**Nome completo da orientadora:**

CAMILA TORRES BRUM

**O ESPÍRITO DA FEIRA**  
**A FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS, UM PATRIMÔNIO CULTURAL**  
**DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel de Museologia, do curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Profa. Orientadora: Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi  
Coorientadora: Doutoranda Eliege Maria Fante

Conceito: \_\_\_\_\_

Data de aprovação: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilza Maria Tourinho Girardi  
Orientadora  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lizete Dias de Oliveira  
Examinadora  
UFRGS

---

Socióloga e doutoranda em Sociologia Ângela Camana  
Examinadora  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Primeiro de tudo eu agradeço a oportunidade de aprender, me descobrir e construir a todo instante, incessantemente. Foram cinco anos na universidade pública, paga pelos cidadãos e cidadãs brasileiras, os quais pude receber muitos ensinamentos e me deu a liberdade de seguir meu caminho de pesquisa a partir de uma motivação muito genuína: o amor e o cuidado por nós mesmos e pelo nosso planeta através da alimentação.

Agradeço a Mãe Terra por me acolher em seu ventre na experiência da vida, me ensinando a cada dia sobre humildade e resistência. Ao Universo por toda a abundância disponível.

Agradeço aos fundadores da Feira dos Agricultores Ecologistas pela criação desse espaço encantador e possibilitar essa pesquisa. Aos professores e professoras, principalmente professora Lizete Dias de Oliveira, do curso de Museologia que me incentivaram a "sair da caixa", a descobrir meu lugar dentro do curso. Sou grata a disciplina Encontro de Saberes/UFRGS que devolveu meu ânimo dentro da academia a partir do retorno, valorização e honra aos saberes populares.

Sou grata pela disponibilidade das famílias que me acolheram em suas casas, como a Família Bellé de Antônio Prado e a Família do Jalo e da Marinês em Eldorado do Sul, me possibilitando a experiência direta na horta e com os alimentos ofertados por eles. Agradeço também aos entrevistados Barbara Benz, João Batista Aguiar, Cintia Miró, Aldaci, Nélio e Fran Bellé, Juarez Pereira, Pedro Lovatto, Glaci Alves, Nelson Diehl e Monge Seikaku (Celso Marques) que compartilharam suas experiências e dedicaram seu tempo para a pesquisa.

Agradeço ao Lama Padma Samten, a Carol Reymunde e ao CEBB (Centro de Estudos Budistas Bodisatva) pelo refúgio e ensinamentos que ampliam a nossa visão e nos mostram o reencantamento da vida.

Agradeço aos guardiões da Mãe Terra, os agricultores e agricultoras agroecológicos, que me ensinam muito sobre a generosidade. Em especial aos participantes da Quintanda - Feira Agroecológica do IPA, que me iniciaram na causa ecológica, em especial a Laura, minha companheira de luta, ideias e tantas trocas. Sou grata por me proporcionarem o melhor trabalho que eu poderia ter e deixarem minhas quintas-feiras tão carinhosas!

Agradeço a minha mãe Adriana e ao meu pai Rogério que, a partir dessa união, me fizeram estar aqui. Agradeço por terem me cuidado, me nutrido e me dado todo o suporte para estar concluindo esse ciclo, tantos outros que passaram e que ainda virão. Agradeço a minha avó materna Will que me ensina sobre florescer com amor e espontaneidade, contemplar as pequenas perfeições da Natureza e ter fé.

Sou grata às amigas, irmãs, mulheres que em todos os momentos estiveram ao meu lado, me apoiam em meus diversos ciclos e me ajudam a me conectar com a minha essência, sendo espelhos e as melhores versões de mim mesma.

Agradeço a minha orientadora Ilza Girardi e coorientadora Eliege Fante por todo o cuidado, paciência e dedicação para com este trabalho.

*Nós vamos prosseguir, companheiro (a)*  
*Medo não há*  
*No rumo certo da estrada*  
*Unidos vamos crescer e andar*  
*Nós vamos repartir, companheiro (a)*  
*O campo e o mar*  
*O pão da vida, meu braço, meu peito*  
*Feito pra amar.*  
*[...]*  
*Nós vamos semear, companheiro (a)*  
*No coração*  
*Manhãs e frutos e sonhos*  
*Pr'um dia acabar com esta escuridão*  
*Nós vamos preparar, companheiro (a)*  
*Sem ilusão*  
*Um novo tempo, em que a paz e a fartura*  
*Brotem das mãos.*

José Fogaça/Vitor Ramil



## RESUMO

O presente trabalho enfatiza a importância da Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE) enquanto patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre a partir do termo Espírito do Lugar e da conexão espiritual entre o cidadão urbano e os agricultores. Investiga a motivação e o contexto de criação da FAE, desde a Cooperativa Ecológica Coolméia até os dias de hoje. Evidencia as práticas imateriais dos agentes, materializadas nos alimentos e nas relações afetivas realizadas no local, que ultrapassa a função de mercado, se torna um espaço de resistência política, econômica e social e assume lugar de salvaguarda, comunicação e educação. Através de documentação direta e indireta com a coleta de dados, a metodologia se dá a partir de pesquisa documental de fonte primária, pesquisa bibliográfica com autores do campo da ecologia e espiritualidade como Leonardo Boff, Fritjof Capra, Lama Padma Samten, Nancy Mangabeira Unger e do patrimônio com Hugues de Varine e documentos do IPHAN. As entrevistas, semi-estruturadas, são divididas em três grupos dos principais agentes responsáveis pela construção e consolidação da FAE: representantes do grupo de fundadores, os agricultores e os parceiros urbanos, com abordagem qualitativa, para que a riqueza dos achados da pesquisa seja registrada adequadamente. Os resultados revelam a feira enquanto espaço de mediação sensível entre a *pólis* e o Cosmos, onde é possível se reconectar com a Natureza através dos saberes materializados nos alimentos, pelos agricultores. O Espírito do Lugar é evidenciado pelas relações profundas que são efetivadas no espaço, principalmente pela ética planetária, o cuidado uns com os outros e pelo Planeta Terra.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Espírito do Lugar. Agroecologia. Feira dos Agricultores Ecologistas. Porto Alegre.

## ABSTRACT

The present work emphasizes the importance of the Fair of Ecological Farmers (Feira dos Agricultores Ecologistas - FAE) as cultural heritage of the city of Porto Alegre from the term Spirit of Place and the spiritual connection between the urban and rural peoples. Investigates the motivation and the context of creation of FAE, since the Cooperative Coolméia to the present day. It evidences the immaterial practices of the agents, materialized in the food and the affective relations in the place, that overcomes a market function, becomes a space of political, economic and social resistance and takes place of safeguard, communication and education. Through a direct and indirect research with the data collection, the methodology goes from the documentary research of primary source, bibliographical research with authors of the field of ecology and spirituality as Leonardo Boff, Fritjof Capra, Lama Padma Samten, Nancy Mangabeira Unger and the patrimony with the Hugues de Varine and the IPHAN documents. The interviews are divided into three groups: of founders, farmers and urban partners, with a qualitative and semi-structured approach. The results are revealed the fair as space of sensible mediation between the polis and the Cosmos, where it is possible to reconnect with Nature through the materialized knowledge in food by the farmers. The Spirit of the Place is evidenced by the profound relationships that are effective in space, mainly by planetary ethics, the caring for each other and for Planet Earth.

**Keywords:** Cultural Heritage. Spirit of Place. Agroecology. Feira dos Agricultores Ecologistas. Porto Alegre.

## SUMÁRIO

<b>1 NO INÍCIO COMPARTILHAMOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2 O FLORESCIMENTO DA FEIRA.....</b>	<b>16</b>
2.1 O SISTEMA QUE DOMINA: “DESENVOLVIMENTO” TEM LIMITE.....	16
2.2 A COOPERATIVA ECOLÓGICA COOLMÉIA E A ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA.....	18
2.3 A FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS.....	25
<b>3 RECONHECIMENTO PARA ENRAIZAR.....</b>	<b>29</b>
3.1 CULTURA E PATRIMÔNIO.....	29
3.2 O CULTIVO DO LOCAL E DO ESPIRITUAL.....	36
3.2.1 A feirinha do Bom Fim: o lugar.....	37
3.2.2 A dimensão espiritual do ser humano e do lugar.....	39
3.2.3 O espírito do lugar.....	43
<b>4 (RE)VIVENCIANDO OS CICLOS A PARTIR DA RELAÇÃO E DA RECONEXÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>5 O CAMINHO SE FAZ AO COMPARTILHAR.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE 1</b> Lista de Entrevistados.....	61
<b>APÊNDICE 2</b> Roteiro de entrevistas: Agentes Fundadores.....	62
<b>APÊNDICE 3</b> Roteiro de entrevistas: Agricultores.....	63
<b>APÊNDICE 4</b> Roteiro de entrevistas: Parceiros Urbanos.....	64

## 1 NO INÍCIO COMPARTILHAMOS

Nossos encontros e nossas relações de afeto muitas vezes se fazem em volta da mesa compartilhando comida. O alimento nos proporciona, de maneira fantástica, vitaminas, minerais, energia e tudo o que precisamos para ser e estar no mundo. Compartilhamos o alimento, mas sabemos como ele chega até nós?

A Revolução Industrial, que iniciou no século XVIII, gerou muitas mudanças em nossos hábitos alimentares, ocasionou o êxodo rural, aglomeração nos centros urbanos, mercantilismo, aumento da carga horária das classes operárias e até mesmo a demanda por pesquisa biogenética. Assim, das necessidades básicas às relações sociais, que cada vez estão mais frias e distantes, o mundo ficou industrializado. A monocultura é mais valorizada do que a diversidade e o Brasil é país líder mundial no *ranking* de consumo de agrotóxicos, onde o agronegócio é hipervalorizado e muitas das substâncias proibidas e com malefícios à saúde estão na nossa mesa, ainda que comprovado cientificamente seu caráter nocivo.

Se alimentar é mais do que um ato biológico, é um ato político, econômico, social e até mesmo espiritual. A partir do momento em que começamos a indagar a origem dos alimentos, os hábitos de consumo e também as nossas relações sociais com aqueles saberes e tradições que nos chegam através dos agricultores familiares, adentramos em uma esfera de um mundo social e economicamente justo, saudável para nossos corpos, relações e ecossistemas. Adentramos em uma esfera de reconexão para uma nova humanidade, mais desperta, interconectada a partir da sua essência, com cuidado, compaixão e convicção que necessitamos com urgência resgatar os valores e as práticas para um bem-viver da comunidade planetária que navega em Gaia, nosso Planeta Terra.

Porto Alegre é precursora nas feiras agroecológicas do país. Todos os sábados pela manhã, faça chuva ou faça sol, no canteiro central da rua José Bonifácio em frente à Redenção, acontece a Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE). A FAE foi a primeira feira do Brasil e é reconhecida como uma das maiores feiras de agricultores ecologistas do planeta. Criada em outubro de 1989, por iniciativa da Cooperativa Ecológica Coolméia em parceria com o movimento ecológico gaúcho, hoje é mantida pelos associados agricultores da Associação dos Agricultores Ecologistas Solidários do Rio Grande do Sul, conhecida como Associação Agroecológica.

Dessa forma, reconhecendo a Feira dos Agricultores Ecologistas, que se faz presente na vida da população sul-rio-grandense e porto-alegrense, este trabalho de conclusão de curso tem como pergunta de pesquisa: **Como a FAE se consolidou como patrimônio cultural de Porto Alegre a partir da conexão espiritual dos agricultores e do cidadão urbano?** Para isso, tem como objetivo compreender a importância da feira na cidade a partir do conceito de Espírito do Lugar.

Por conseguinte, o trabalho tem como objetivos específicos recuperar e verificar a motivação da criação da FAE desde a Cooperativa Coolméia até os dias de hoje e relacionar a sua história a uma dimensão espiritual da humanidade e dos lugares. Dessa forma, evidenciar a feira como patrimônio cultural a partir das práticas imateriais dos agentes participantes do movimento, que são materializadas nos alimentos ecológicos e nas relações afetivas realizadas no local. Além disso, a pesquisa busca refletir sobre a ética planetária e como ela se aplica nas práticas da FAE a partir da perspectiva de um novo paradigma de ser e estar no mundo, construindo um mosaico de olhares e histórias sobre a importância da FAE para a cidade.

É notório que vivemos um momento de retrocessos e desencantamento da vida em todas as esferas da sociedade, nos campos da cultura e educação, da saúde e meio ambiente e nas formas de "re-ligação" com o divino. No campo do ambiente vemos que de um lado, a agricultura é sinônimo de vida, cooperação e abundância; do outro, a agricultura que produz alimentos cheios de venenos que levam à morte. Ao mesmo tempo que a espécie humana tem um poder criativo e cada vez mais tecnológico, o senso de corresponsabilidade com a nossa casa (Planeta Terra) e também nossas irmãs e irmãos terrenos têm sido muito pouco cultivado.

O espaço público, o lugar mais democrático e livre que existe, é onde nos relacionamos com o mundo e colocamos em prática nossos valores. A FAE é um espaço que serve como mediadora de uma possível reconexão com a Natureza e com as pessoas dentro da cidade. Dessa forma, torna-se relevante que o campo da Museologia pratique políticas extramuros e também vá para a rua, acompanhando esse movimento e se fazendo presente em outros espaços. Nossa pesquisa sobre a FAE busca fazer um estudo museológico, sob a perspectiva da sociomuseologia, que visa a valorização do patrimônio cultural, vivo, dinâmico e cotidiano, o resgate ideológico e histórico, a proximidade dos agentes com aquela espacialidade que tem

um espírito. Mais que um local de comércio, de trabalho ou de consumo, a Feira dos Agricultores Ecologistas é um espaço de resistência política, econômica e social. Tanto sua materialidade, quanto todos os fatores intangíveis devem ser salvaguardados, comunicados e pesquisados, contemplando assim o Tripé Museológico<sup>1</sup>. Assim, sendo o agricultor e a agricultora valorizados e o consumidor conscientizado, o movimento de resistência se torna cada vez mais forte.

Para a realização da pesquisa científica foram realizados alguns procedimentos metodológicos: a técnica de documentação direta e indireta com a coleta de dados ocorreu a partir de pesquisa documental de fonte primária. Foi realizado um levantamento histórico a partir dos documentos de arquivos e entrevistas com os próprios agentes estudados no trabalho e fontes secundárias como os periódicos e jornais que foram feitos no decorrer da história da FAE. A pesquisa bibliográfica se deu a partir de referencial teórico sobre a própria feira, com a recente dissertação etnográfica de mestrado de Júlia Cardoni (2017); ecologia com Porto-Gonçalves (2006) e Enrique Leff (2009); a intersecção do movimento ecológico com o campo da espiritualidade, ética planetária e Responsabilidade Universal com Leonardo Boff (2002; 2011; 2012), Fritjof Capra (2009), Nancy Mangabeira Unger (2000), Frei Betto (2011) e Lama Padma Samten (2004; 2010); reflexões sobre cultura viva e patrimônio cultural com Hugues de Varine (2012), José Reginaldo Santos Gonçalves (2005); documentos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Declaração de Quebec (2008) que trata do termo impulsionador do trabalho, o Espírito do Lugar.

Foram realizadas prioritariamente pesquisas de campo, no próprio lugar onde os fenômenos acontecem, permitindo, de acordo com Otani e Fialho (2011), maior contato com a realidade. A oportunidade de fazer parte da equipe de comunicação e produção dos eventos da feira durante o processo de realização da pesquisa, possibilitou o aprofundamento sobre a vivência com o espírito da feira, assim como pensar ações para iluminar esse espírito, na prática. Esse é um processo continuado, que vai se perpetuar também após a conclusão do trabalho.

As informações também foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas, de abordagem qualitativa, divididas em três grupos dos principais

---

<sup>1</sup> A Museologia está ancorada horizontalmente em três pilares: a salvaguarda, a pesquisa e a comunicação. O museu somente cumpre plenamente seu papel se os pilares estiverem alinhados e devidamente utilizados com todo o potencial.

agentes responsáveis pela construção e consolidação da FAE: representantes do grupo de fundadores, os agricultores e os parceiros urbanos. A lista de entrevistados encontra-se no Apêndice 1 deste trabalho. Visto que a pesquisa tem cunho social, buscou investigar os valores, crenças, atitudes e opiniões desses agentes que, muitas vezes, podem ser considerados o próprio Patrimônio Vivo, de acordo com a concepção que o Patrimônio Cultural vai muito além da materialidade.

No segundo capítulo intitulado “O Florescimento da Feira” faz uma contextualização temporal e espacial da FAE, tratando dos movimentos da industrialização e da “religião do progresso” a partir das tecnologias que foram geradoras não só de uma crise ecológica, mas uma crise de perspectiva e valores ao reduzir todos os processos da esfera social ao âmbito econômico. A partir disso, nascem os movimentos de resistência como o movimento ecológico para trazer à tona uma nova forma de ser e estar no mundo a partir de valores políticos, sociais e espirituais holísticos. A Cooperativa Ecológica Coolméia, criadora da FAE, nasceu dentro de estrutura espiritualista, a Grande Fraternidade Universal, organização espiritual e cultural muito atuante em Porto Alegre na década de 1980, que acreditava no cooperativismo como uma alternativa ao sistema comercial hegemônico.

A partir dessa estrutura espiritualista que se conecta muito com o movimento ecológico, o terceiro capítulo intitulado “Reconhecer para Enraizar” trata das questões do patrimônio cultural - que abrange todas as formas de expressão materiais e espirituais de um grupo - sendo terra fértil para a construção, fortalecimento e desenvolvimento positivo das identidades de determinado grupo social e território. Dessa forma, o capítulo trata da cultura viva e dinâmica que torna a feira um espaço de linguagem comum e espiritualidade ancorado em um compartilhamento na relação dos agricultores e agricultoras com o cidadão urbano, sendo mediadora em uma reconexão com a Natureza, considerando sentimentos de pertencimento e cuidado.

Buscando reconhecer os aspectos dessa nova ética mundial, do cuidado e da relação interconectada dos seres que habitam o Planeta Terra, o capítulo quarto “(Re)Vivenciando Ciclos a partir da Relação e da Reconexão” discorre sobre as práticas da feira e sobre a necessidade da Alfabetização Ecológica a partir da observação da Natureza. Pontua a importância da mútua colaboração entre os

seres, a Responsabilidade Universal, Cultura de Paz e o (re)estabelecimento de relações positivas com os outros e com o ambiente através do cuidado e do amor.

Por fim, a “O Caminho se faz ao Compartilhar e Celebrar” trata das considerações finais abrindo o caminho para um longo trabalho de conscientização ecológica e ética. Ao compreendermos o Espírito da Feira nos damos conta dos benefícios que ela oferece e legitimamos a sua existência a partir das práticas imateriais que são materializadas nos alimentos ofertados pelos agricultores e agricultoras. Essas práticas imateriais estão envoltas em relações afetivas entre indivíduos de culturas diferentes, mas que compartilham a uma mesma linguagem: acreditam que a agroecologia é capaz de provocar profundas transformações através do nosso modo de ser e estar no mundo.



## 2 O FLORESCIMENTO DA FEIRA

Com o objetivo de contextualizar no tempo e espaço a criação da FAE, este capítulo irá percorrer a trajetória histórica de criação da feira, focando nos aspectos sociais, políticos e ideológicos que fizeram brotar o sonho dos idealizadores desse movimento.

### 2.1 O SISTEMA QUE DOMINA: “DESENVOLVIMENTO” TEM LIMITE

Até os anos de 1960, a dominação da Natureza<sup>2</sup>, considerada uma fonte inesgotável, por parte da industrialização não era uma questão e sim uma solução para o “desenvolvimento”. Na visão capitalista e neoliberal, desenvolvido é ser urbano, industrializado. (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Para Lutzenberger (1980) a consolidação da crise socioambiental nasce de uma “religião do progresso”, focada basicamente na economia, onde o consumo material e individual acredita no crescimento ilimitado, uma visão limitada e estreita do paradigma moderno. Porto-Gonçalves (2006) assume que um sistema-mundo-moderno-colonial foi criado a partir de um movimento de globalização, inclusive da Natureza. Esse sistema mundo, de acordo com o autor, é interdependente e contém, embutido em si, uma base hierárquica de poder, ocidental, moderna e colonizadora.

Sob a justificativa de alimentar a crescente explosão demográfica, impulsionando a capacidade produtiva, a Revolução Verde iniciada em 1940, foi um projeto desenvolvimentista patrocinado por oligarquias financeiras e industriais multinacionais. Teve como objetivo a modernização agrícola através da mecanização, modificação genética, monocultivos, uso fertilizantes solúveis produzidos a base de petróleo, agrotóxicos ou - também denominados pela indústria publicitária - defensivos agrícolas com o intuito de atrair muitos produtores a adotar esse modelo de agricultura. As monoculturas, por exemplo, constituem a base da agricultura capitalista, e se desenvolvem para a exportação, sobretudo em regiões e

---

<sup>2</sup> Optei usar Natureza com letra maiúscula entendendo-a enquanto sujeito de direitos conforme a Constituição do Equador de 28 de setembro de 2008 na qual, no artigo 71, defende os direitos de *Pacha Mama* (termo indígena que significa Mãe Terra). Dessa forma a Natureza passa de um bem coletivo para titular de direitos. Segundo Unger (2000) foi instaurada a lógica domínio onde o mundo foi "coisificado" e em meio a crise ontológica que vivemos, vamos devastar o planeta se continuarmos a ver a Natureza apenas pelo seu aspecto de produção. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/repositorio/cms/portaStfInternacional/newsletterPortaInternacionalFoco/anexo/ConstituicaoDoEquador.pdf>> Acesso em: 08 set. 2018.

países colonizados, mas não visam satisfazer os necessidades e interesses da cultura local, dos povos que a produzem. (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Segundo Leonardo Boff (2012) a cosmovisão moderna tornou a realidade compartimentada, mecanicista e patriarcal. Dessa forma, perdeu a visão do todo em benefício das partes, fragmentando saberes, assim, perdendo a noção de unidade. Além disso, tornou a sociedade extremamente individual e competitiva, motor fundamental do sistema capitalista. Essas são formas de ser e estar no mundo opostas à lógica da natureza, que é interdependente e cooperativa. Segundo Samten (2004, p. 30) "quando reduzimos toda a sociedade a um âmbito econômico, o nível mais profundo dos seres não é contemplado. Aquilo que verdadeiramente aspiramos a encontrar não pode ser comprado."

Para Unger (2000) vivemos uma crise de visão de mundo, onde o movimento ecológico emerge de questões políticas e sociais como a possibilidade de (re)união da *pólis*<sup>3</sup> com *Cosmos*<sup>4</sup>, criando um elo para a transformação real do plano social e uma integração das dimensões dos seres humanos e da natureza, assim, ampliando a visão do Todo.

Boff (2002) sublinha que a cultura hegemônica tem a vontade de poder como base da sua sustentação, através da dominação da Natureza, do outro, dos povos e dos mercados. A ideologia neoliberal, com seu pensamento estreito e etnocêntrico, destrói a diversidade cultural e espiritual<sup>5</sup> da humanidade.

A imposição de uma única forma de produção, com a utilização de um único tipo de tecnologia e de administração, maximalizando os lucros, encurtando o tempo e minimalizando os investimentos, devasta os ecossistemas e coloca sob o risco o sistema vivo de Gaia. (BOFF, 2002, p. 30).

Conforme Giddens (2006) os anos 1970 marcaram o início da preocupação ecológica. Na época foi elaborado o relatório intitulado *Os Limites do Crescimento* do Clube de Roma, que era constituído por um grupo de industriais, consultores de negócios e funcionários públicos da capital italiana. O Clube encomendou o estudo visando prever as consequências do crescimento econômico, demográfico, da

<sup>3</sup> Espaço que é próprio à comunidade dos cidadãos, espaço da (con)vivência humana (UNGER, 2000). Para os gregos, eram considerados cidadãos os homens, atenienses e filhos de atenienses, maiores de 21 anos. A *pólis* também era o limite entre a cidade e o campo.

<sup>4</sup> Do grego *Kósmos*, é a designação para toda a estrutura do Universo, desde o micro a até o macrocosmo, com seus movimentos de auto-criação, auto-organização. É a Natureza em todas as suas formas.

<sup>5</sup> A visão da espiritualidade será abordada mais profundamente na seção 3.2.2 do presente trabalho, intitulada "A religião da *pólis* com o cosmos: a luz da dimensão espiritual do ser humano e do lugar"

poluição e esgotamento dos bens naturais. O relatório concluiu a insustentabilidade do sistema da época e descortinou a questão ecológica na ciência e na política em escala mundial.

José Lutzenberger (1980), no Manifesto Ecológico Brasileiro, ressalta que a reorientação do colono, do pequeno e grande agricultor para a tradição camponesa o reconecta com a *ética da terra*<sup>6</sup>, ou seja, o amor e apego à terra, respeito e cuidado do solo, da biodiversidade, controle de erosão, adubação natural e preservação e restituição dos equilíbrios naturais. É um processo de reintegração do ambiente natural e social.

Assim, os anos do fim da década de 1960 até os anos 1980 são marcados por movimentos alternativos, emergentes e da contracultura - dentre eles o movimento feminista, das minorias étnicas, do pacifismo e o movimento ecológico - surgidos na busca de trazer à tona questionamentos e novos valores políticos, sociais e espirituais, sendo vetores para lutas que se iniciaram e persistem até hoje.

## 2.2 A COOPERATIVA ECOLÓGICA COOLMÉIA E A ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA

Para Leff (2009, p. 281) a manifestação da destruição dos bens e serviços naturais<sup>7</sup>, desequilíbrio ecológico, a contaminação ambiental e a diminuição da qualidade de vida são respostas da crise do crescimento econômico. Assim brotou a necessidade de uma ideologia - ou processo de ressignificação do mundo atual - a cultura ecológica<sup>8</sup>. Representa um momento de tomada de consciência e uma mobilização de cidadania, que visava a transformação da relação do ser humano com a Natureza.

A solução da contradição [entre economia e ecologia] está na construção de uma nova racionalidade produtiva que incorpore os valores, normas e princípios do ambientalismo como forças materiais e sociais para um desenvolvimento alternativo das forças produtivas e para o seu controle

---

<sup>6</sup> Esse tema será aprofundado no quarto capítulo, intitulado *(Re)vivenciando os ciclos a partir da relação e da conexão* do presente trabalho.

<sup>7</sup> Leff (2009) utiliza o termo *recurso*. Opto por usar o termo *bens e serviços naturais* por uma recomendação de Leonardo Boff durante a aula pública ocorrida em 14/05/2018 no Auditório Dante Barone da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Para Leff (2009) a *cultura ecológica* constrói a *racionalidade ambiental* e é uma estratégia teórica de articular ideologias, teorias, políticas e materiais para relações e desenvolvimento de produção.

democrático, mediante os princípios de produtividade ecotecnológica, gestão participativa e racionalidade ambiental. (LEFF, 2009, p. 301).

A “agricultura moderna” segundo Lutzenberger (1980) possui métodos imediatistas que interessam somente à grande indústria e ao capital que, além de destruição ambiental, é responsável por transtornos estruturais do ponto de vista social, pois elimina a mão-de-obra e contribui à hipertrofia das grandes cidades. Nesse contexto, o autor que sabia concretamente os males que causava, visto ter sido funcionário da empresa alemã Bayer<sup>9</sup>, passou a ser uma das figuras centrais – junto com Ana Primavesi<sup>10</sup> e Magda Renner<sup>11</sup>, do movimento crítico que defendia a “agricultura alternativa”. A luta era por um retorno às práticas milenares da cultura campesina através da agricultura agroecológica, como a agricultura orgânica, a permacultura, a biodinâmica, entre outras. Ao escrever o “Manifesto ecológico brasileiro: fim do futuro?”, Lutzenberger ficou reconhecido mundialmente na militância ambientalista. Conforme Glaci Campos Alves<sup>12</sup>(2018, entrevista),

Era um momento muito rico do movimento ecológico, nos anos 1980, trazido por quem estava lendo, viajando pelo mundo e questionando as consequências da Revolução Verde e das tecnologias duras, tanto para cidade quanto para o campo. Aqui no Rio Grande do Sul éramos pioneiros na luta contra os agrotóxicos, dentro de um esforço do movimento ecológico estimulado pela reflexão, pelo discurso, práticas do Lutzenberger, que foi o grande ideólogo inicial. (ALVES, 2018, entrevista).

A Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN)<sup>13</sup> foi fundada em plena ditadura sob a vigilância e repressão do regime militar em abril de

<sup>9</sup> A Bayer é uma empresa multinacional focada na área química e farmacêutica, fundada na Alemanha em 1863. No segundo semestre de 2016 a Bayer comprou a empresa estadunidense Monsanto, ficando conhecida como a empresa que dá o veneno e depois o remédio. A união dessas duas multinacionais é pauta dos movimentos populares mundiais da luta contra os agrotóxicos, da preservação de sementes e da autonomia e soberania alimentar dos povos. Saiba mais em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/01/19/bayer-monsanto-dowdupont-syngentachemchina-o-risco-das-fusoes-para-a-agroecologia/>> Acesso em: out. 2018.

<sup>10</sup> Ana Primavesi (Áustria, 1920) é engenheira agrônoma, escritora e pioneira da agroecologia enquanto ciência. Publicou inúmeros artigos científicos e o Dia da Agroecologia (03 de outubro) é comemorado em sua homenagem.

<sup>11</sup> Magda Renner (Porto Alegre, 1926-2016) foi uma representante militante ambientalista e presidiu a ADFG.

<sup>12</sup> Glaci Campos Alves começou o curso de Engenharia Agrônoma no marcante ano de 1968. Participou de muitas lutas no movimento estudantil contra o imperialismo e as tecnologias duras que vieram por influência da Revolução Verde, já sendo um viés do movimento ecológico, que se tornou mais forte a partir do final da década de 1970. Viveu o movimento hippie, de rebelião da juventude frente a repressão da ditadura brasileira. Passou quase 8 anos na Europa.

<sup>13</sup> Informações sobre a Associação podem ser encontradas em: <<http://www.agapan.org.br>> Acesso em: 10 mai. 2018.

1971 por Lutzenberger, Augusto Carneiro e outros. Tinha entre seus princípios a interação ambiental e a agricultura ecológica e instaurou o lema inaugural do movimento ambientalista "pensar globalmente e agir localmente". Além da AGAPAN, movimentos como a fundação da Associação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG), liderado por Magda Renner – atualmente Amigos da Terra Brasil<sup>14</sup> - também trouxeram a consciência ecológica no período.

Nestas mobilizações e a partir desses e outros agentes é que nasce a necessidade de existir um espaço de resistência e militância ambiental, política, social e cultural. Segundo o Estatuto Social (1991-1992), a Cooperativa Ecológica Coolméia teve sua origem em 1978 e foi "fundada por um grupo de pessoas idealistas, praticantes do naturismo e simpáticas à ecologia" que através do cooperativismo e da autogestão, realizaram as suas relações e produção econômica. Segundo Nelson Diehl<sup>15</sup> (2018, entrevista), a Coolméia era um espaço de realização e prática daquilo que se acreditava ideologicamente. A cooperativa congregava três categorias de associados: os servidores, os produtores e os consumidores, tendo como prioridade a integração dessas categorias.

De acordo com o Estatuto Social da Coolméia (1991-1992), a ecologia vai para além da ciência das relações de interdependência entre os seres vivos e o ambiente, mas busca compreender profundamente a natureza enquanto suporte da vida humana. Defende a natureza e busca melhor qualidade de vida a partir do uso racional dos bens naturais, da utilização do solo, prática de agricultura natural, sem agrotóxicos, reciclagem do lixo, uma visão não antropocêntrica e uma ética que privilegia a vida e a natureza, não o lucro. Já o naturismo incluiu a consciência ecológica através de práticas cotidianas de preservação da natureza, buscando o autodesenvolvimento e o regime vegetariano.

Em entrevista, Glaci Santos Alves (2018, entrevista), relata que a Coolméia já nasce dentro de uma estrutura espiritualista pois foi pensada e organizada,

---

<sup>14</sup> O Núcleo Amigos da Terra Brasil (NAT/Brasil) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) que se dedica à proteção do meio ambiente e à promoção do desenvolvimento com sustentabilidade e justiça social. Faz parte da ATALC (Amigos da Terra América Latina e Caribe), que reúne organizações membros da Federação Internacional Friends of the Earth (FoEI). Saiba mais em: <<http://www.amigosdaterrabrasil.org.br/>> Acesso em: 23 out. 2018.

<sup>15</sup> Nelson Diehl é formado em Administração de Empresas pela UFRGS e começou a trabalhar na Cooperativa Coolméia em 1982, primeiramente como fornecedor e produtor de verduras, na qual foi se envolvendo em diversas funções como tesoureiro, presidente, coordenador. Se considera um ecologista e também trabalhou na CONATURA no Rio de Janeiro. Hoje tem uma empresa de insumos agrícolas com foco na Mineralização de Sistemas e também tem a banca dos nutracêuticos na FAE, com a motivação de comercializar uma ideologia.

primeiramente dentro da Grande Fraternidade Universal (GFU)<sup>16</sup>. O líder espiritual, Serge Raynaud de la Ferrière<sup>17</sup> preconizava, no início da década de 1980, a construção da Era de Aquários a partir de uma visão dos conceitos holísticos - também compartilhados pelo movimento ecológico - onde a cidadania, as tarefas e ações se fazem em forma de redes. Diehl (2018, entrevista) sublinha que Ferrière, assim como Rudolf Steiner<sup>18</sup>, acreditava que a espiritualidade se colocava para o cotidiano e que era o cooperativismo<sup>19</sup> a ação econômica da Nova Era.

De acordo com o Estatuto Social da Coolméia (1991-1992), cooperar significa reunir indivíduos em favor de objetivos comuns, de forma horizontal, onde todos tenham o mesmo peso de participação, decisão e responsabilidade sobre a organização. A cooperativa é a institucionalização, visando a organização objetiva das pessoas que se auto-administram para seus fins comuns, com alvo na cooperação e não na competição. É autogestionada, ou seja, a atuação de todos os indivíduos é determinada pelos objetivos coletivos, sendo assim auto-administrada em conjunto. Esse processo exige uma auto e reeducação de valores e perspectivas através de um autoconhecimento revelado nos afazeres grupais.

Para o agricultor Pedro Lovatto<sup>20</sup> (2018, entrevista), a proposta da Coolméia

---

<sup>16</sup> A Grande Fraternidade Universal (GFU) é uma organização civil, cultural e mundial, presente em mais de 20 países, que reúne a ciência, a arte e a religião para um aperfeiçoamento intelectual e uma reeducação espiritual. Segundo Denise Bandeira (2018, entrevista), a GFU tinha como práticas o vegetarianismo, a yoga, a astrologia, naturismo, estudo de religiões comparadas e as pessoas acabavam por ter muito interesse por um entreposto. A sede central se localiza em Caracas, na Venezuela.

<sup>17</sup> Serge Raynaud de la Ferrière (Paris, 1916-1962) foi um filósofo, astrólogo, psicólogo, cosmobiólogo entre muitas outras habilidades e fundador da Grande Fraternidade Universal e instrutor mundial da Nova Era de Aquários. Mais sobre a GFU em: <<http://paxprofundis.org/livros/laferriere/laferriere.html>> Acesso em: 24 out. 2018.

<sup>18</sup> Rudolf Steiner (Áustria - 1861-1925) fundou a Sociedade Antroposófica em Berlim como resultado de suas pesquisas científico-espirituais. Deixou contribuições nos campos das artes, pedagogia (Waldorf), da medicina e farmacologia antroposófica e da agricultura (Biodinâmica). A antroposofia foi introduzida no final do século XX é um conhecimento do ser humano, da natureza e do universo de forma mais ampliada do método científico convencional, a partir de um conjunto de ideias, filosofias e práticas. Para saber mais confira o site da Sociedade Antroposófica: <<http://www.sab.org.br>> Acesso em: 22 out. 2018.

<sup>19</sup> De acordo com o Estatuto Social da Coolméia (1991-1992): "Os princípios básicos do cooperativismo são: 1) adesão livre; 2) gestão democrática; 3) taxa limitada de juros ao capital; 4) retorno das sobras proporcionais às operações; 5) ausência de discriminação religiosa, racial ou social; 6) cooperação ativa em plano local, nacional e internacional em vista de uma integração; 7) constituição de um fundo de educação e formação dos associados e do público em geral.

<sup>20</sup> Pedro Lovatto é de Farroupilha/RS e proprietário do Sítio Espaço do Sossego. É companheiro da Margarida e pai da Amanda e da Amélia Lovatto. Antes de fazer a transição para a agroecologia, sua família estava imersa nas "promessas" de progresso econômico da Revolução Verde. Aos 21 anos, leu uma reportagem de Lutzenberger e começou a se envolver no movimento ambiental. Em 1982, foi um dos fundadores da Associação Farroupilhense de Proteção ao Ambiente Natural (AFAPAN), que

era ser uma cooperativa que buscava e incentivava a agricultura ecológica não apenas na teoria, mas na prática. Para o entrevistado, que se questionava e buscava intuitivamente e individualmente uma proposta de agricultura e de vida que fizesse mais sentido, a cooperativa foi principal elo de comercialização e escoamento da produção e para isso, o grupo buscava os agricultores na terra, agregando os urbanos no processo, já que foi fundada por pessoas da cidade.

A Coolméia aos poucos, "como filha", foi se tornando independente da GFU, a qual sempre foi referenciada como origem. Segundo Denise Bandeira<sup>21</sup> (2018, entrevista), na Rua Barros Cassal a cooperativa era muito pequena, vendia-se pão, cucas e logo começou a vender, arroz integral, farinhas. Quando a GFU passou para uma casa na Rua Gonçalo de Carvalho, a Coolméia ganhou um espaço maior, uma garagem. Foi quando a cooperativa se associou à AGAPAN, se localizando na João Telles (IMAGEM 1), que houve uma grande expansão e se tornou o espaço reconhecido dentro da sociedade porto-alegrense. Por fim, a cooperativa se instalou na Rua José Bonifácio, em cima da Confeitaria Maomé e ao lado da Igreja Santa Teresinha.

Imagem 1: Entrepasto da Coolméia na João Telles em 1989.



Fonte: Arquivo da FAE

---

era como uma filial da AGAPAN. A partir do movimento, começou a se envolver e conhecer as pessoas da capital e chegou na Coolméia.

<sup>21</sup> Denise Bandeira entrou na GFU em 1978 e foi professora de yoga e secretária da instituição durante o período do início da Coolméia.

A Coolméia era um espaço de vanguarda e de ideias inovadoras. Glaci Alves (2018, entrevista) relata que para dar visibilidade para todos os conceitos e ideias do movimento e da cultura ecológica, foi pensado, em 1986, o primeiro evento de rua da Coolméia: as feiras periódicas chamadas *Tupambaé*<sup>22</sup>, uma mostra de trabalhos, produção, relações cooperativistas e venda de produtos ecológicos.

A *Tupambaé* foi mais uma feira de ideias do que de comercialização, veio da vontade de fazer um grande evento para mostrar à sociedade o que acreditávamos, desde educação, saúde, agricultura, consciência do lixo, música. (DIEHL, 2018).

Foram feitas três edições da *Tupambaé*: a primeira, em 1986, foi no Parque Farroupilha, do Largo do Expedicionário até o chafariz. “Um mar de gente”, segundo Nelson. A segunda edição aconteceu em 1987 durante um final de semana, sábado e domingo, e foram vendidos 13 mil ingressos. A terceira, em 1988, aconteceu na Escola Amigos do Verde, então denominada Amiguinhos do Verde. Barbara Benz<sup>23</sup> (2018, entrevista), consumidora e participante da equipe da Coolméia, participou das feiras *Tupambaé* com uma barraca de práticas de reciclagem de papel. Segundo a entrevistada foi uma experiência única, nova, a definiu como “nossa pequena *Woodstock*<sup>24</sup>”, com participação de todo ideário alternativo da Nova Era. Assim a FAE tomava forma, com arte e terapias das mais diversas, danças, meditações, yoga, música de várias tradições, palestras, vivências e muito mais.

A identidade visual do cartaz da *Tupambaé* (IMAGEM 2) foi feita por um grupo de *designers* ligados a GFU e tem muitas referências visuais do momento e do grupo que estava fazendo parte do movimento. Segundo Diehl (2018, entrevista), significa a união do pólo magnético e do pólo geográfico.

---

<sup>22</sup> *Tupambaé* em tupi-guarani se refere às terras de cultivo de alimentos das missões jesuíticas.

<sup>23</sup> Barbara Maria Benz participou da trabalhou na secretaria da Coolméia, inclusive no processo de estruturação da FAE. Conheceu a Coolméia em 1986.

<sup>24</sup> *Woodstock Music & Art Fair* foi um festival de música da contracultura realizado nos Estados Unidos em 1969.



Imagem 2: Cartaz da *Tupambaé* no Restaurante da Coolméia



Fonte: Arquivo da FAE

Resultado da luta agro-sócio-ecológica, com a aprovação a nível federal da Lei nº 7.802 de 11 de julho de 1989, conhecida como “Lei dos Agrotóxicos”, o coletivo resolveu promover um evento especial: uma feira pública de alimentos saudáveis e ecológicos em um sábado, 14 de outubro de 1989, em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação (16 de outubro). A feira foi sucesso absoluto e no meio da manhã os agricultores já não tinham mais o que vender. Nessa ocasião estavam presentes como mentores e técnicos operacionais Nelson Diehl, Glaci Alves, e o engenheiro agrônomo e integrante da assessoria técnica Luiz Jacques Saldanha.

A Coolméia criou a Feira dos Agricultores Ecologistas que acontece na primeira quadra da Rua José Bonifácio (na Redenção) e a Feira da Cultura Ecológica do Bairro Menino Deus. As feiras, pioneiras no Brasil, marcaram um período muito importante da cooperativa, atraíram e atraem até hoje, visitantes do Brasil e de diversos países que vem a Porto Alegre conhecer a experiência.

Com o fim da Coolméia, devido problemas econômicos, surge a demanda por uma entidade que representasse os agricultores e lhes desse apoio operacional e administrativo. Por isso, em maio de 2006 foi criada a Associação de Agricultores Ecologistas e Solidários do Rio Grande do Sul, conhecida também como Associação

Agroecológica.

A Associação Agroecológica é uma sociedade civil com personalidade jurídica sem fins lucrativos e tem como principal objetivo viabilizar a propriedade familiar rural através da agricultura ecológica e da integração de seus associados. O órgão soberano são as Assembleias Gerais, ordinárias e extraordinárias, que tomam toda e qualquer decisão de interesse. Nas assembleias que os associados elegem a Coordenação, a Comissão de Ética/Fiscal e a Comissão Educativa. Dentro desse processo, os agricultores buscam realizar periodicamente encontros de formação e qualificação. Além disso, fazem visitas mútuas às propriedades, com celebrações e debates relacionados à agroecologia.

De acordo com o capítulo quinto do Estatuto (2007) a Associação tem como objetivos específicos: ecologização da propriedade e dos espaços de atuação da entidade; articulação de entidades e redes afins; divulgação do associativismo; proteger e salvaguardar a biodiversidade; fortalecer a confiança e transparência dos associados; propiciar a formação; atuar como transformadora do ambiente sócio-cultural pela divulgação e prática da agricultura ecológica e credibilizar a produção ecológica na relação de venda direta ao consumidor.

A Associação Agroecológica representa hoje a entidade comum entre os agricultores ecologistas da FAE a qual resiste aos modelos hegemônicos do capitalismo predatório. O associativismo garante um processo participativo, de maneira mais horizontal a partir de um olhar coletivo que trabalha em cooperação. Nas bancas da FAE, os produtores não são concorrentes: são células de um organismo que quer crescer e se beneficiar em conjunto.

### 2.3 A FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS

Porto Alegre foi uma das precursoras de muitos movimentos sociais que propuseram um pensamento humanista partir de uma globalização, que passa pela solidariedade, pela mundialização dos direitos humanos e pela democracia como um valor universal<sup>25</sup>. Leff (2009) nos ajuda a compreender a ação da feira frente ao contexto de globalização da época ao dizer que:

---

<sup>25</sup> Boff (2002) compara os projetos políticos mundiais de Porto Alegre com Fórum Social Mundial e Davos, pequena cidade da Suíça, com o Fórum Econômico Mundial.

O paradigma da produtividade ecotecnológica e da gestão ambiental participativa emerge como uma estratégia antidesenvolvimentista e antidependentista baseada em princípios de descentralização, autogestão e autodeterminação da vida econômica (LEFF, 2009, p. 322).

Para o agricultor Pedro Lovatto (2018, entrevista), que participou da primeira edição da feira (IMAGEM 2), a iniciativa foi transformadora e decisória para o seu trabalho e sua relação com a agricultura. Segundo o entrevistado, que devido ao falecimento de seu pai e a escolha de seu irmão pelo Direito tinha a responsabilidade da propriedade nas suas mãos, o seu problema maior era com a comercialização, já que a Coolméia não absorvia tudo o que produzia. Dessa forma, muitos alimentos orgânicos produzidos eram vendidos como convencional e de baixa qualidade. A feira mostrou que havia mercado e que seria um ótimo canal de escoamento e de comercialização.

Pedro Lovatto (2018, entrevista) lembra que já na primeira edição da FAE voltou muito animado para Farroupilha, com a certeza que ia investir na sua propriedade. Conta que após a primeira edição, a qual foi vendido tudo, os agricultores e organizadores se reuniram aos redores do Auditório Araújo Viana<sup>26</sup> e decidiram fazer a segunda edição em 30 dias para se estruturarem e se organizarem melhor.

A FAE é uma iniciativa política e militante da sociedade civil e é autogestionada. Possui Regimento Interno e Estatuto, que reúnem as regras e as diretrizes a serem cumpridas pelos associados, sob pena de multa e/ou afastamento. De acordo com o Regulamento Interno, participam da feira agricultores familiares, associações e cooperativas que praticam produção orgânica e realizam venda direta de produtos da propriedade do agricultor. Eventualmente, na Banca do Meio<sup>27</sup>, “participam entidades, fundações, ONGs, escolas, movimentos e/ou associações com ideologia condizente com a da feira” (FAE, 2012) ou seja, que tenha a mesma cosmovisão.

---

<sup>26</sup> O Auditório Araújo Vianna é considerado patrimônio histórico e cultural de Porto Alegre, sendo palco de shows, manifestações culturais e palestras. Fica localizado no Parque Farroupilha e foi inaugurado em 1964.

<sup>27</sup> É a banca institucional, de comunicação e divulgação cultural, também espaço onde se oferecem informações sobre a feira e sobre a associação, assim como os “achados e perdidos”.

Imagem 3: Fotografia de feira entre 1989 e 1990.



Fonte: Arquivo da FAE

A Banca do Meio focaliza eventos de caráter cultural que tratam de assuntos como agricultura ecológica, alimentação vegetariana, ecologia, meio ambiente, preservação e educação ambiental, e temas afins. De acordo com o Regulamento Interno da FAE, é uma modalidade educativa e de integração cooperativista e associativa entre agricultores e consumidores, sendo:

O espaço e conjunto de bancas, seja de comércio varejista de produtores alimentícios da produção primária e agroindustrial orgânica, seja de venda de materiais ecológicos, seja de produtos de artesanato, ou seja, de divulgação cultural. (FAE, 2012).

A feira é subordinada às decisões do grupo de associados feirantes e administrada por uma comissão de agricultores ecologistas, composta por quatro integrantes que organizam as reuniões pré-feira, atualizam os registros e fichas, controlam assiduidade e pontualidade dos feirantes, coordenam atividades de fiscalização de qualidade de produtos, preços, uniformes e apresentação das bancas. A realização da reunião matinal - todos os sábados às 7h - desde as primeiras feiras é o cerne condutor dos discursos e das práticas. Composta pela comissão e um representante de cada banca, a reunião representa um espaço de diálogo, de política de mercado, de desconfortos, de comunicação e ações com o público, relação com parceiros, com o entorno e entre os próprios agricultores.

A Associação Agroecológica é composta também por uma comissão de ética e fiscal que avalia a conformidade orgânica e também uma comissão educativa, que é responsável por promover atividades de cunho educativo – cursos, treinamentos – de conteúdos associativistas, cooperativistas e ecologistas, assim como promover e divulgar os objetivos da Associação junto ao quadro social e à comunidade.

Atualmente a feira, que é reconhecida como uma das maiores da América Latina, é composta por 44 bancas vindas de 32 municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Beneficia 122 famílias de agricultores familiares diretamente e mais de 300 indiretamente, 10 Associações, duas cooperativas e quatro assentamentos da Reforma Agrária envolvendo 17 famílias. Estima-se que o público consumidor gire em torno de 15 mil pessoas semanalmente nas feiras da Associação.

### 3 RECONHECIMENTO PARA ENRAIZAR

Somos seres de energia, ativos. Temos capacidade incessante de criar e ressignificar, de refletir, de transformar e nos adaptar. Construimos e reconstruimos nossas culturas, as quais recebemos dos nossos antepassados e que também deixaremos para aqueles e aquelas que virão depois de nós. Neste capítulo iremos refletir sobre como a Feira de Agricultores Ecologistas pode ser reconhecida como patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre e, a partir disso se desenvolver. Além disso, vamos dar luz à dimensão espiritual da feira e dos seres que são integrados e a integram.

#### 3.1 CULTURA E PATRIMÔNIO

Patrimônio tem muitos significados dos quais decorrem desdobramentos. Para POHL (2005, p. 64) o conceito clássico é “[...] um conjunto de bens, de objetos, que são importantes para a pessoa que em sua representação se tornam uma reserva de valores”. Na atualidade houve uma ampliação da visão clássica, que trata do patrimônio como um legado que herdamos e transmitimos para as próximas gerações, a partir da Declaração de Caracas de 1992. Assim, “[...] patrimônio cultural de uma nação, região ou comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente.” (UNESCO, 1992).

Dessa forma, o patrimônio vai muito além dos aspectos materiais ou legitimados como importantes historicamente, sendo toda e qualquer manifestação que um grupo social se identifica. Gonçalves (2002) trata do patrimônio enquanto categoria de pensamento, entendido como manifestação da razão, reflexão, contemplação, sensibilidade e meditação, que transita entre diversos mundos sociais e culturais, tendo uma função, acima de tudo, mediadora. O autor sugere o entendimento de patrimônio como um “fato social total”.

Tais bens são, simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos. (GONÇALVES, 2002, p. 23).

Patrimônio Cultural é um instrumento de construção e fortalecimento de identidades e de culturas de um grupo. Pode ser entendido como parte e extensão da experiência, que é inseparável do corpo, sendo este mediador simbólico e social do Eu, o Outro e o mundo. (GONÇALVES, 2003).

A necessidade - física e emocional - de identificar-se é uma forma de criação de vínculos, o que gera o sentimento de pertencimento consigo e com o mundo. Dentro da construção de identidades estão em jogo as visões de mundo que fazem sentido e também dão sentido e unidade a um determinado grupo social através das múltiplas culturas que o constituem. Assim, a identidade faz com que o indivíduo esteja, e se sinta, dentro de uma cultura. (CORÁ, 2013; BOURDIEU, 2007).

Para Sebastião Pinheiro, em entrevista ao Sul21<sup>28</sup>, estamos em uma conjuntura do poder econômico hegemônico em que a agricultura, propriamente dita, foi substituída pelo agronegócio. Para o engenheiro agrônomo, a agricultura:

[...] é uma das palavras mais lindas que existe e não significa cultivo somente. Ela envolve uma cultura que tem uma espiritualidade, uma religiosidade, valores e a natureza associadas a ela. A agricultura passou a ser agronegócio. Isso foi um baque tremendo. Saiu a cultura e entrou o negócio. Foram retirados valores da agricultura e agronegócio passou a significar só dinheiro. (PINHEIRO, 2018, documento eletrônico).

Para Giddens (2006) a cultura congrega aspectos da sociedade que são aprendidos e partilhados por seus membros, englobando tanto aspectos intangíveis como crenças, ideais e valores, como aspectos tangíveis, objetos, entre outros. Canclini (1983) correlaciona a cultura com a formação da ideologia, tendo também a função de reelaborar e imaginar estruturas sociais - no presente - representando relações de produção e reprodução, assim como transformando e criando novas relações. Para Corá (2013) a identidade é recriada a todo instante pelo indivíduo e pelo coletivo, a nível local e global.

Segundo a agricultora Franciele Moncin Bellé<sup>29</sup> (2018, entrevista), a feira é um dos poucos espaços em que o agricultor não é visto como o *Jeca Tatu*<sup>30</sup>, um ser

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/areazero/2018/01/sebastiao-pinheiro-o-agronegocio-transformou-se-em-algo-que-nao-e-mais-agricultura/>> Acesso em: 01 jul. 2018.

<sup>29</sup> Franciele Moncin Bellé tem 24 anos, é agricultora, faz parte da segunda geração da feira e é mãe de três crianças: Angélica, Diego e Roberta. Vive com seus pais (Aldaci e Nélio Bellé) e seu companheiro (Rodrigo) que conheceu por conta da feira, na propriedade da Família Bellé em Antônio Prado. Na feira, Franciele é a disseminadora das flores comestíveis e as PANC's (Plantas Alimentícias Não-Convencionais).

ignorante, mas como um ser como qualquer outro. Isso se manifesta ainda mais pela relação de compra direta do consumidor com o agricultor em uma trajetória de quase 30 anos. Para Aldaci Bellé (2018, entrevista), da família Bellé<sup>31</sup>, os agricultores são tratados como "príncipes e princesas" e hoje, as pessoas que trabalham na feira estão melhor ou igual aos profissionais liberais, o que mantém os jovens felizes trabalhando na feira e "se mantendo na roça".

Para Varine (2012) a cultura viva é moldura e terra fértil: o patrimônio, que fornece o *húmus* dentro da vida cotidiana, é instrumento de desenvolvimento cultural e global, ainda mais se esse desenvolvimento parte do próprio povo que detém a linguagem e a cultura local. Para a entrevistada Cintia Miró<sup>32</sup> (2018, entrevista), a Cooperativa Coolméia, assim como a feira, foi um local onde se falava uma linguagem comum, que não se falava em qualquer lugar, principalmente ancorada pelo encontro e a troca com os agricultores.

A cultura viva é inerentemente criadora e simbioticamente unida ao patrimônio que ela se nutre e transforma. Além disso, a cultura viva não é homogênea, é diversa e está ligada ao meio ambiente natural (VARINE, 2012). Dentro dessa complexidade da cultura e de todas as suas representações, a Constituição de 1988, nos artigos 215 e 216 reconheceu a importância da valorização e conservação dos bens materiais e de natureza imaterial, por parte do Estado em parceria com a sociedade. Os bens imateriais são considerados, de acordo com o IPHAN:

[...] práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). [...]. (IPHAN, S/D).

---

<sup>30</sup> *Jeca Tatu* é um dos personagens mais marcantes de Monteiro Lobato. Caboclo, foi definido por Lobato como "uma espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças" no artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo em 1914.

<sup>31</sup> A família Bellé, que vem da cidade de Antônio Prado e faz parte da AECIA (Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado), já vendia produtos na Coolméia desde a época da rua João Telles. Nélio Bellé (2018, entrevista) conta que revezava a ida à feira com seu irmão. Aldaci (2018, entrevista), sua companheira e mãe da Franciele, conta que conheceu seu marido quando ele trabalhava com o Padre Schio e que a sua família começou a praticar agroecologia buscando uma alimentação diferente para ter uma vida diferente, começando a produzir para o próprio consumo, o que fazem até hoje.

<sup>32</sup> Cintia Miró é formada em Agronomia e mestra em Botânica. Logo depois de se formar foi trabalhar na secretaria da Coolméia, mas tinha múltiplas funções: conseguia falar com o agricultor, falava com rádio, organizava planilhas, entrava em contato com o público e o que mais fosse necessário.



Em 2003, a UNESCO realizou em Paris a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, sublinhando a importância dessa categoria:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e *lugares culturais* que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que *se transmite de geração em geração*, é constantemente *recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza* e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de *respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável*. (UNESCO, 2003, grifos nossos).

Juarez Pereira<sup>33</sup> (2018, entrevista) da Banca do Arroz, se percebeu, a partir da sua transição<sup>34</sup> na qual iniciou seu trabalho como Guardiã de Sementes<sup>35</sup> (IMAGEM 4), enquanto sujeito de uma construção de história a partir de um processo de resgate cultural, construção de cultura, regeneração da sua própria saúde e de canais de comercialização<sup>36</sup>. Foi a partir do convite de Jaime Carvalho, da equipe de ecotecnologias, para montar uma banca de arroz na FAE que ofertasse diversidade, que o agricultor que se preparou durante um ano, recebeu um pacote de sementes e se dedicou, de forma devocional a multiplicá-las.

Ao reconhecer uma imensa afeição pelo ambiente e pela atividade com as variedades de sementes, Juarez (2018, entrevista) conta que as cuidava e avaliava minuciosamente através de relatórios semanais. Em um desses dias imersos no

<sup>33</sup> Juarez Antonio Felipe Pereira sempre foi agricultor e está na FAE desde 1999 com a banca do arroz que oferece grande agrobiodiversidade. Sua produção vem de Barra do Ribeiro. Já comercializava para a Coolméia antes de se tornar agricultor ecológico e após dois anos estreitou a relação com o espaço a partir do momento que fez a proposta de entregar o arroz já descascado.

<sup>34</sup> Termo que designa agricultores em processo de transformação para agricultura ecológica e certificação.

<sup>35</sup> Os Guardiões de Sementes são agentes que resgatam não somente variedades de sementes crioulas, que são passadas de geração em geração, mas também saberes e práticas da agroecologia que visam a autonomia e autossuficiência. É um movimento de resistência frente aos projetos do agronegócio referentes às monoculturas, à transgenia e ao uso de agrotóxicos. Notícia do Sul21 sobre ação feita pela autora em julho de 2018, disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/07/guardioes-de-sementes-crioulas-uma-luta-por-autossuficiencia-sabor-e-saber/>> Acesso em: out. 2018.

<sup>36</sup> De acordo com Juarez Pereira (2018, entrevista), na agricultura química vende-se uma safra para uma empresa. Se no ano seguinte tiver escassez no mercado, o empresário alegará que teremos que vender, mesmo assim, com o mesmo valor. Se tiver super oferta, ele explora com mais facilidade ainda. Com os ecológicos e orgânicos é diferente, o consumidor sempre quer comprar, o comércio é mais justo.

trabalho, teve uma experiência com uma memória pessoal muito forte: há mais de 30 anos havia uma criança órfã, de sete anos de idade, esquecida em sua própria memória, que realizava esse mesmo trabalho. Foi nesse momento de autoconsciência e reconstrução através da memória que ele abriu os olhos para a busca das variedades que, muitas vezes, nem conhecia, mas já tinha fragmentos de informação.

Imagem 4: Juarez Pereira e variedades de arroz em Exposição “Os Guardiões de Sementes: ancestralidade e agrobiodiversidade” realizada pela autora, em 21 de julho de 2018, na FAE.



Foto: Guilherme Santos/Sul 21

Cada grupo social que compartilha culturas, têm suas histórias e memórias coletivas que ligam as pessoas umas com as outras através de um passado, costumes, saberes, valores e crenças que são comuns e partilhados coletivamente. Juarez Pereira (2018, entrevista) faz uma analogia muito potente nesse sentido: o pequeno agricultor que produz, em primeiro lugar, para o autossustento, planta o que gosta de comer e não precisa purificar uma semente. A trilhadeira, máquina que separa o grão com casca da palha de arroz, fazia um roteiro por toda a vizinhança de uma região e "carrega em seu ventre" sementes das lavouras anteriores. Dessa forma, o entrevistado concluiu que uma semente na mão de um pequeno agricultor ou uma comunidade não é somente uma variedade, mas um banco genético.

O cuidado<sup>37</sup> com os bens culturais, materiais e imateriais é a própria preservação do patrimônio cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um lugar dentro da sociedade, ampliando assim o exercício da cidadania e a qualidade de vida (IPHAN, 2012).

Para a entrevistada Barbara Benz (2018, entrevista), a FAE tem um histórico notável de cuidado e estímulo com o agricultor e com os produtos, tendo uma espécie de personalidade própria. Nesse sentido, Cintia Miró (2018, entrevista) pontua esse sentimento por parte dos consumidores e frequentadores: "Hoje eu habito isso tudo sem precisar ir. Eu me sinto como parte dessa alma. Eu me sinto a composição da feira. [...] o consumidor fala pleno de propriedade e familiaridade, como se fosse a sua própria casa".

Franciele Bellé (2018, entrevista) foi criada indo para a feira com seus pais desde os seis meses de idade e faz parte da segunda geração da FAE. Para ela a feira tem um ambiente familiar, caseiro. Diz que não consegue ficar muito tempo sem ir à feira e comparou o sentimento faltar durante algum tempo como se fosse uma viagem, quando ficamos com saudade do travesseiro, da cama, da casa. Franciele Bellé (2018, entrevista) recorda (IMAGEM 3) de sua participação ativa na feira, desde criança, quando ela e Amanda, filha de Pedro Lovatto, possuíam sua própria banca.

Imagem 3: Recordação da infância Franciele Bellé, Amanda e Amélia Lovatto



<sup>37</sup> Falaremos sobre o cuidado e ética planetária no capítulo 4, do presente trabalho, intitulado *(Re)vivenciando ciclos a partir da relação e da reconexão*.

Fonte: Arquivo pessoal (BELLÉ, F., 2018)

Sobre a segunda geração<sup>38</sup>, Franciele Bellé (2018, entrevista) comenta que muitos continuam na feira, mas com uma relação e um envolvimento diferente: seus pais, que eram jovens, queriam criar algo de diferente e criaram a cooperativa e a feira. A entrevistada pontua que a segunda geração não criou nada, mas participou. Durante a realização do presente trabalho, nos dias 20 e 21 de outubro de 2018, ocorreu o primeiro encontro da Juventude da FAE na Vila Segredo, para o qual participe à convite de Maiara Marcon, da Banca dos Grãos. Nesse encontro estavam presentes da segunda geração da FAE: Franciele Bellé, e seu companheiro Rodrigo, Amanda Lovatto, filha de Pedro Lovatto e Maria Riva (filha de Marinês, que é fundadora da Pão da Terra, e Jalo, ambos membros da COOPAEL e lideranças do assentamento do Movimento Sem-Terra de Eldorado do Sul). A principal pauta do encontro foi se conhecer mais profundamente, já que muitas brincavam juntas, mas foram se afastando ao longo do tempo. Além disso, foi debatida a importância da juventude se empoderar dos processos da Associação para sustentar o trabalho iniciado por seus pais.

Para o IPHAN (2012), lugares como mercados e feiras podem ser reconhecidos enquanto patrimônio, pois reproduzem práticas culturais coletivas. São um foco de vida social com representações simbólicas e narrativas e servem de instrumento para a construção do sentimento de pertencimento, memória e identidade. A partir dessa concepção, ocorre a superação de sítios históricos como marcos físicos significativos com a consolidação do lugar enquanto categoria de patrimônio imaterial visto que considera as pessoas e seus modos de vida que dão sentido ao lugar, sendo que este, também é fundador de tais práticas. (NÓR, 2013).

A Feira de Agricultores Ecologistas se revela muito mais do que uma simples feira, um mercado. Ela tem um “algo a mais”, é um lugar cultural de laços sociais onde se concentram práticas individuais e coletivas, incluindo trocas materiais - no caso as relações de compra de produtos - e simbólicas, como sentimentos, ideias, crenças e valores no contato dos cidadãos urbanos com os camponeses e vice-versa.

---

<sup>38</sup> Matéria do Jornal Sul21, de maio de 2018, sobre a segunda geração da feira disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/03/a-geracao-que-nasceu-na-feira-dos-agricultores-ecologistas-e-fez-da-agroecologia-um-modo-de-vida/>> Acesso em: 01 nov. 2018.

Para Cardoni (2017) o “algo a mais” se manifesta nas performances dos agricultores, na sua trajetória e na sua concepção cosmológica. A partir de uma visão de sacralização e ritualização da natureza, passada pelos agricultores, frequentadores da feira e/ou parceiros urbanos, a feira passa a ser um espaço de afetividades e de cura. Segundo Juarez Pereira (2018, entrevista), ele e outros feirantes, entendem há bastante tempo que a FAE não é só comércio, mas uma célula de uma sociedade que queremos, onde as pessoas estão inteiras, desarmadas e se olham no olho.

A Natureza - fonte de simbolização e significação da vida - oferece suporte para a riqueza material e espiritual das comunidades, em especial as indígenas e camponesas. A presença e a corporeidade dos agricultores e agricultoras na feira integra valores culturais de solidariedade, prestígio, satisfação das necessidades de dentro para fora, como forma de reconhecer que:

A questão ambiental contribui para ampliar o quadro dos direitos civis, políticos, econômicos e culturais. Os sistemas jurídicos vêm incorporando diversos aspectos relacionados com o manejo dos *bens comuns*. Deste modo, dentro dos novos *direitos da solidariedade* incluiu-se o direito de todos os homens a beneficiar-se do *patrimônio comum da humanidade*. Estes novos direitos estão transformando os princípios de propriedade coletiva sobre os recursos naturais, sobretudo orientados à conservação e administração dos bens comuns. (LEFF, 2009, p. 294, grifos do autor).

Patrimônio se faz a partir da história de coisas reais. Cada ponto desta rede é indissociável, assim como seu desenvolvimento em conjunto. Com autonomia, preservação e valorização dessas culturas em espaços de mediação, a feira se constitui como um patrimônio, um lugar digno de ser valorizado e salvaguardado, além de exaltar nosso maior bem comum: a vida no planeta Terra.

### 3.2 O CULTIVO DO LOCAL E DO ESPIRITUAL

A Feira dos Agricultores Ecologistas faz parte da vida cotidiana e também da história de muitos dos atores sociais que ali estão, há quase 30 anos. Além de uma feira, a FAE é um mercado de alimentos e produtos agroecológicos, que faz parte de um sistema simbólico e de pensamento, sendo a dimensão material - repleta de imaterialidades - da vida social e também cultural da cidade e dos grupos que a fazem. (GONÇALVES, 2005). Com seus bens materiais como a diversidade de

alimentos, as bancas e sua caracterização, e também imateriais tais como os agricultores e seus saberes da Natureza, a feira pode ser considerada uma mediadora sensível, um instrumento de conexão entre os indivíduos e a Natureza, entre a *pólis* e o Cosmos.

### 3.2.1 A feirinha do Bom Fim: o lugar

A FAE, também conhecida popularmente por ser a "feirinha do Bom Fim" está localizada na primeira quadra da Rua José Bonifácio, no Bairro Bom Fim, um dos mais tradicionais de Porto Alegre. Recebeu esse nome pela capela do Senhor do Bom Fim, construída em 1867 e foi ponto de chegada de muitos imigrantes, se tornando assim, pólo cultural e econômico. Também foi ponto de muitas manifestações de cunho político e de resistência ao regime ditatorial dos anos 1960 e 1970. De acordo com Glaci Alves (2018, entrevista), em todo o mundo os bairros judeus - um povo de luta, de perdas e fugas, mas muito qualificado do ponto de vista da informação - são reconhecidos como bairros de vanguarda.

A feira fica localizada em frente ao Parque Farroupilha, no local conhecido como Redenção<sup>39</sup>, um dos espaços mais representativos da diversidade do cidadão porto-alegrense. Aos sábados pela manhã a feira divide espaço com a Feira Ecológica do Bom Fim (segunda quadra da José Bonifácio) - que foi criada em 1991, dois anos após a FAE, e à tarde a rua é ocupada por artesãos. Aos domingos a rua José Bonifácio é fechada e ocupada pelo Brique da Redenção, com mais de 300 expositores de artes, artesanatos, antiquários e alimentos. O Brique da Redenção, em 2005, foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, visto que é um espaço de diversas manifestações culturais que afloram o convívio democrático. (BRIQUE DA REDENÇÃO, documento eletrônico)

---

<sup>39</sup> Segundo Franco (1992) o Parque Farroupilha é o mais antigo, arborizado e popular parque da cidade. Ele contorna as avenidas João Pessoa, José Bonifácio e Osvaldo Aranha em Porto Alegre. No século XIX era denominado "Várzea do Portão" por ser uma planície alagadiça utilizada para conservação de gados. Em 1870 passou a denominar-se "Campo do Bom Fim" e dois anos depois foi instalado um quartel militar, onde está localizada a Escola Militar nos dias de hoje. Em 1884, como forma de solenizar o movimento popular de libertação dos escravos na cidade, passou a se chamar "Campo da Redenção". Em 1897 houve uma "urbanização", abrindo estradas e praças, por José Montauray. Em 1935 houve a exposição comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha e o prefeito Alberto Bins promoveu a drenagem, nivelamento e urbanização do parque e, por decreto municipal, passou-se a denominar-se "Parque Farroupilha".

Para Glaci Alves (2018, entrevista) a cidade de Porto Alegre sempre foi receptiva para coisas inovadoras e inéditas. A entrevistada cita que muitas coisas aconteceram na cidade como o restaurante macrobiótico do centro, a luta contra os agrotóxicos com Lutzenberger e a própria Feira de Agricultores Ecologista, que foi a primeira do Brasil.

Porto Alegre tem uma magia muito peculiar. Sempre tem coisas inéditas acontecendo, não sei se é por causa do paralelo<sup>40</sup>, é magia. É uma capital pequena, provinciana. Tem um poder aquisitivo superior a outros estados, tem uma qualidade de vida - mesmo com umas coisas erradas, como o alto consumo de carne, tabagismo. (ALVES, 2018).

A cidade é um espaço de convívio dinâmico em constante construção e transformação. Celso Marques<sup>41</sup> (2018, entrevista), ativista ecológico, sublinha que a dimensão cultural se manifesta na dimensão local - extremamente relevante para a questão ecológica. Para ele, a civilização e a urbanização vão transformando progressivamente a conotação da dimensão local. Aos poucos, segundo o entrevistado, as pessoas foram perdendo a intimidade com os espaços e a feira proporciona essa reaproximação.

Fenômeno cidade como um organismo vivo que, ao mesmo tempo em que está em desenvolvimento, necessita guardar memória de sua existência anterior, para prosseguir em caminhos mais adequados à preservação de sua existência. (COSTA, 2012, p. 92).

Para Celso Marques (2018, entrevista), que acompanhou de muito perto todo o processo de construção da feira e hoje usufrui do espaço para se encontrar, dialogar e articular o grupo de ecologistas gaúchos, muitos da AGAPAN, a FAE é uma *Ágora*: a reconstituição dos mercados que ficavam nas praças das cidades da Grécia antiga. Nesses mercados eram feitas compras, trocas e o grande exercício da cidadania, as grandes assembleias para discutir e resolver os problemas da *pólis*. Para Celso Marques (2018, entrevista), a ideia de democracia está muito ligada à *Ágora*, o lugar de se encontrar e conversar, debater.

---

<sup>40</sup> Porto Alegre está localizada no paralelo 30 do Planeta Terra. Segundo Denise Bandeira (2018, entrevista), Serge Raynaud de la Ferrière, fundador da GFU, considerava a Cordilheira dos Andes como uma coluna vertebral e que o pólo magnético da Terra estava mais ao Sul, no paralelo 30, passando do oriente ao ocidente. Dessa forma, Porto Alegre pode ser reconhecida como um lugar místico de iniciações.

<sup>41</sup> José Celso Marques (Monge Seikaku) é mestre em filosofia, conselheiro e ex-presidente da AGAPAN, músico e ativista ecológico. Idealizou e hoje administra o Instituto Zen Maitreya, que tem como motivação "atuar como propulsor do respeito à diversidade e do desenvolvimento humano em seu mais amplo sentido."

Dessa forma, os espaços públicos são protagonistas dentro de uma cidade. É neles que exercemos de fato a cidadania e nos conectamos com pessoas de diversas procedências, grupos e idades. Os movimentos de ocupação desses espaços, são intrinsecamente a forma mais efetiva de democratizar e empoderar a população ativamente na *pólis*, ou seja:

Uma cidade saudável, na definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), é aquela que coloca em prática, de modo contínuo, a melhoria de seu meio ambiente físico e social, utilizando todos os recursos de sua comunidade. [...] enfim, ser saudável é poder se relacionar com objetos e pessoas de forma não violenta, respeitando a diversidade cultural e promovendo maior compreensão de mundo. (COSTA, 2012, p. 96).

As cidades estão cada vez mais uniformizadas com indivíduos mais automatizados, seduzidos por uma indústria que associa a felicidade ao consumo. Cada vez se produz mais lixo, se trabalha mais e se olha menos nos olhos. Sendo o habitante da cidade um ser político, ele é o responsável pelo seu presente e futuro próprio e também coletivo. Cuidar da cidade, torna o cidadão ator do desenvolvimento local para que as trocas, interações e a vida flua através de uma linguagem comum ao grupo onde todos estejam empoderados do seu próprio lugar, a partir das suas memórias e da ética planetária, que é essencial para o fortalecimento do sentido, do espírito e da humanidade. (COSTA, 2012; VARINE, 2012).

### **3.2.2 A dimensão espiritual do ser humano e do lugar**

*Nós somos feitos de poeira de estrelas*  
Carl Sagan

Aos poucos estamos nos dando conta da magnitude que somos dentro de um processo de muitos bilhões de anos de evolução do Universo, da Galáxia, do Planeta Terra e dos seres que nele habitam. Nos encontramos em meio a uma teia, uma rede de conexões e relações complexas que se interconectam dentro de um Todo. (BOFF, 2002; CAPRA, 2006).

Para Morin (1975) o ser humano é um sistema aberto, inacabado e o mais complexo de todos, ou seja, é hipercomplexo que se desenvolve, de forma auto-eco-organizada, junto com o Universo e não no Universo. Dentro da rede sistêmica e complexa da existência que possui suas múltiplas dimensões, Boff (2012) afirma que



o ser humano é composto por três dimensões fundamentais: as externalidades, as interioridades e a profundidade.

Para Boff (2012), a externalidade diz respeito à corporeidade, às relações do indivíduo com o Universo que o rodeia, sendo a sociedade e o ambiente, como se veste, se expressa e se coloca no mundo. A interioridade trata dos aspectos da *psique*<sup>42</sup> humana como instintos, paixões, emoções e sentimentos, assim como aspectos arquetípicos ancestrais e principalmente desejos, que condicionam as ações humanas, aspecto muito pontuado na psicologia budista<sup>43</sup>.

A dimensão profunda do humano o trata enquanto ser espiritual, o que o faz inteiro, conectado, pertencente e integrante do Todo. O ser humano tem a capacidade de perceber aspectos que vão além das aparências internas e externas. Dessa forma, compreende que as coisas não são simplesmente coisas, mas sim os valores, símbolos, metáforas, lembranças e experiências implícitas a elas. (BOFF, 2012).

Para entendermos o caminho da totalidade através do espírito, precisamos sair da concepção hegemônica dominante, fragmentada e dualista que estamos acostumadas e acostumados. Precisamos fazer um caminho de retorno para casa, voltar para a visão integrada, com uma religação ou força espiritual que nos reconecta com o mistério, com uma nova ética, uma nova forma de habitar o mundo a partir de uma percepção de viver em conexão e harmonia com as forças cósmicas, as forças da Natureza, deixando de viver de acordo com nossas próprias leis autocentradas.

Sem eixo espiritual, acreditamos que o acesso aos bens, ao consumo e ao poder é a única fonte de felicidade. Um sistema econômico em expansão, suicida e destruidor parece, paradoxalmente, a única alternativa para a felicidade. (SAMTEN, 2004, p. 114).

Para Cíntia Miró (2018, entrevista) a visão ecológica é uma espiritualidade, uma capacidade de olhar para dentro de si, olhar a vida e escolher o caminho a

---

<sup>42</sup> A *psiqué* surge a partir da consciência da matéria, que foi se "enovelando sobre si mesma". Para o autor, a energia vulcânica do desejo, também denominada *kundalini* para os orientais, ou libido, gera a fonte do princípio da esperança que, por sua vez, gera os impulsos de transformação. Todavia, sem o controle a consciência, o desejo pode dramatizar o ser humano e levá-lo à obsessão. (BOFF, 2012).

<sup>43</sup> Na psicologia budista o reino dos seres humanos é condicionado a partir das relações de desejo/apego, onde todos os seres estão sempre querendo ou refutando algo em busca da felicidade ou do afastamento do sofrimento. (SAMTEN, 2010).

seguir. É uma quebra de paradigma, mas de uma forma madura, que se sustenta. Para a entrevistada, alguns agricultores não conseguiram sustentar essa visão, outros migraram para uma sofisticação com vendas em boutiques orgânicas e há aqueles que fizeram disso a sua vida, sustentando a ideia e a experiência ecológica.

Com a percepção e compreensão cada vez mais consciente dos problemas sociais e ambientais do nosso tempo, percebe-se que estes são sistêmicos, interligados e interdependentes. Para Capra (2009), a crise que vivemos é uma crise de percepção que para ser superada, é necessária uma revolução a partir de uma mudança radical de paradigmas, pensamentos e valores, no âmbito da sociedade e da ciência, o que é proposto pelo movimento ecológico.

Com a instauração do novo paradigma<sup>44</sup>, surge uma visão que percebe o mundo como um todo integrado, substituindo a visão fragmentada do paradigma moderno. Dentro da percepção ecológica, no início da década de 70, o filósofo norueguês Arne Naess<sup>45</sup> (1985 apud CAPRA, 2009) diferenciou a “ecologia rasa”, que é antropocêntrica e utilitarista, da ecologia profunda que oferece uma percepção de base espiritual e filosófica, buscando questionar e transformar, pela essência, velhos paradigmas e a nossa própria visão de mundo e que reconhece cada ser vivo como um fio particular que tece a teia da vida.

Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. (CAPRA, 2009, p. 26).

É na matéria que o espírito opera, é no tangível que opera o intangível. A matéria é a fonte de espiritualidade com seu alto grau de energia densificada (BOFF, 2002). Partindo do pressuposto de que o espírito humano é repleto de valores e sentidos a partir da sua experiência existencial, é através da identificação e (re)conhecimento dos componentes materiais e imateriais do lugar que é possível se reconectar com o espírito que o circunda como estratégia de preservação das

---

<sup>44</sup> O paradigma emergente ou holístico é um novo modelo de conhecimento a partir de uma perspectiva transdisciplinar, baseado em valores solidários que visa a melhoria da qualidade de vida de forma sustentável, respeitando os seres humanos, a natureza e o planeta. Uma das bases do paradigma emergente é o *princípio da complexidade*. Edgar Morin vê o ser humano como um todo, integrado em si mesmo com a mente e coração, a razão e emoção, o físico e o espiritual com todas as formas de vida do Universo. (DALLA ZEN, 2010).

<sup>45</sup> Arne Naess, citado in Devall e Sessions (1985), p. 74.

identidades contidas e em constante troca das diversas comunidades que por lá têm passado através dos tempos.

Com a aproximação da dimensão espiritual do meio social, segundo Unger (2000), se abre a possibilidade de uma efetiva elevação de consciência para que aconteça a reconciliação do espaço político com o Cosmos, ou com a Natureza, transformação espiritual através na nova ética<sup>46</sup>.

Parece-me que o movimento ecológico, que o pensamento ecológico tem de mais rico é esta possibilidade de juntar a dimensão da *pólis*, ou seja, aquele espaço que é próprio à comunidade dos homens, o espaço da convivência humana, com a dimensão do Cosmos, a dimensão da nossa relação com o Universo. De criar um elo entre o interesse pela transformação no plano social e uma espiritualidade tanto do homem como da Natureza sem polarizar essas dimensões como excludentes. (UNGER, 2000, p. 59)

O espírito faz a mediação para captarmos os valores embutidos nas coisas, nos objetos e nos lugares. Percebe-se então que nessa crise de percepção, de estreitamento de visão houve um desencantamento do olhar, um afastamento de dimensão mágica, misteriosa e sagrada de tudo que existe. A espiritualidade, de certa forma, pede um certo distanciamento da matéria, ela está em um campo sutil<sup>47</sup> vista a partir de uma mudança de olhar, de um encantamento disponível a todos que desejam e escolhem ver, mas principalmente sentir. Unger (2000) cita, o que Weber chamou de "desencantamento do mundo", o processo de ruptura com a experiência espiritual, a magia, o sagrado frente a predominância da racionalidade linear e instrumental. Para Lama Samten,

O reencantamento é um aspecto, poderíamos dizer, revolucionário. Ou seja, o nosso coração retorna. O mundo econômico entristece as pessoas que vencem dentro do processo dele. [...] o sistema econômico tira a alma das pessoas, desconecta da natureza, remove o aspecto estético, remove a beleza. (SAMTEN, 2018).

<sup>46</sup> Se abordará a questão da ética e dos valores ecológicos no capítulo 4 do presente trabalho.

<sup>47</sup> Se considera campo sutil, ou aspecto sutil, conforme com ensinamento oferecido por Lama Samten que diz respeito a uma visão profunda, mas que espelha o aspecto externo, grosseiro. Como por exemplo um templo que na verdade é feito apenas de materiais de construção e que, pela liberdade da mente do observador, pode se tornar um presídio. O aspecto sutil não faz com que a substância mude, mas faz com que mude o olhar. Ensinamento oferecido em 22 de novembro de 2017 no templo do CEBB Caminho do Meio em Viamão. Transcrição em: <<http://www.cebb.org.br/originacao-dependente-no-nivel-grosseiro-sutil-e-secreto/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Para Unger (2000), o reencantamento é um processo de redescobrimto do que somos feitos a partir de uma vivência da realidade como ela realmente é. Para a autora, há uma riqueza na língua portuguesa quando designamos a realidade também como “real-idade”, ou seja, o tempo majestoso. Dessa forma, compreender a Natureza, o Universo, o cosmos como realza, majestade, é permitir-se ser canal para a manifestação da própria realidade a partir da celebração e não dominação, controle ou devastação.

### **3.2.3 O espírito do lugar**

Segundo Capra (2006) o mundo moderno e mecânico é uma coleção de objetos. Estes até se relacionam, mas essas relações são vistas como secundárias. Para a visão sistêmica - que é um pensamento contextual visto que considera o contexto e o meio ambiente para explicar coisas - os objetos são redes de relações dentro de redes maiores.

O espírito do lugar é, primeiramente, uma percepção e uma sensação física ou espiritual. Identificar e compreender o espírito do lugar é uma maneira de descobrir e legitimar os elementos (materiais e imateriais) que o caracterizam e que fazem as relações entre os objetos materializados e os contextos materiais e imateriais que os envolvem.

O conceito budista de Terra Pura é emocional, sutil e ao mesmo tempo material, assim como o Espírito do Lugar. Segundo o Lama Padma Samten (S/D) é um local onde podemos florescer naturalmente nossas melhores qualidades. O foco das Terras Puras é o movimento para transformar as estruturas internas e assim mudar a realidade. Dessa forma acontece a melhoria das relações com os outros, com a sociedade e com a natureza.

Para a entrevistada Cintia Miró (2018, entrevista), as pessoas mesmo sem conhecer a história da feira, sentem o espírito do lugar a partir da vivência visceral. Desde o início a feira recebe muitos estrangeiros que, mesmo os participantes contando os "erros", eles ficam maravilhados pela presença no local e reconhecimento do resultado. Para a entrevistada a feira toca todas as pessoas pelo coração.

É muito mais provável que tu chegues à feira e te alegres e vejas que tem um monte de coisas para comprar, encontrar amigos. Só de chegar no espaço ela naturalmente te eleva. Se tu te perder internamente, estiver deprimido vai para a feira, alguma coisa vai acontecer. Pode ajudar o agricultor, o olho vai brilhar. É uma referência do melhor. (MIRÓ, 2018).

Para Aldaci Bellé (2018, entrevista), a energia da feira é muito boa porque muitas das pessoas que estão lá procuram algo diferente. Segundo a entrevistada, a família leva a própria energia da roça para os urbanos. Nélio (2018, entrevista), seu companheiro, reconhece que a feira envolve muitos aspectos políticos, econômicos, mas também espirituais. Assim como eles, as pessoas se sentem bem na feira.

Juarez Pereira (2018, entrevista) da Banca do Arroz, pontua que os agricultores mais politicamente ativos na feira são os que já estão em um processo evolutivo e que conseguem receber o encantamento dos parceiros urbanos pelo o que oferecem e, da mesma forma, o encantamento da sua própria relação com a terra que, segundo o entrevistado, é a condição básica e ideal para esse processo de evolução do ser humano.

Como entrou na feira já durante os dez anos de existência dela, Juarez Pereira (2018, entrevista) foi modelado pelo o que já estava proposto, somando e fortalecendo o espírito da feira. Para ele, o tesouro desse espírito e um dos aspectos que a faz patrimônio, são dois grupos de atores sociais: os pioneiros e a geração que foi criada e formada na feira. É a segunda geração, que precisa se auto-organizar e empoderar-se do seu papel de descendência sucessora dessa atividade cultural para que o espírito não enfraqueça nas próximas décadas.

A memória da Cooperativa Coolméia - e seu caráter materno da feira - elucida a essência da feira e seu espírito. Ela era pequena e tinha uma grande missão a partir de uma energia muito forte de reflexão, mas principalmente de ação e de prática. Com essa visão de vanguarda, ligada ao movimento mundial ambiental e da Nova Era, ela propunha uma nova humanidade a partir das relações do espaço e do indivíduo urbano com o rural. (GLACI, 2018, entrevista).

Foi com a grande energia de reflexão da Coolméia que Juarez Pereira (2018, entrevista) foi impulsionado seguir o modelo de agricultura proposto, mesmo sem ter nenhum exemplo de produção de arroz na região. O entrevistado já fornecia produto para a cooperativa - que tinha primeiramente uma política de comprar de pequenos agricultores. Lembra que quando vinha à Porto Alegre almoçava no restaurante da Coolméia, onde compartilhava a mesa com os urbanos. Muitas vezes estavam

comendo a sua própria produção e as pessoas ficavam maravilhadas por estarem diante do agricultor que tinha produzido aquele arroz. Mas na sequência vinha a pergunta sobre se o arroz era plantado ecologicamente. Encabulado, dizia que não, mas voltava para casa com vontade de começar.

Para Nelson Diehl (2018, entrevista), que se descreve com o perfil que prefere lutar por aquilo que acredita e não contra algo, a feira nasceu como instrumento político de militância e da cultura ecológica. Tinha o objetivo de ser um espaço para que os associados e todos os que faziam parte desse grupo social tivessem a oportunidade de colocar em prática aquilo que sonhavam, refletiam e debatiam coletivamente. Conectada com um movimento mundial de ruptura e crítica à sociedade industrial e de consumo, realizava suas ações baseadas em uma sociedade mais justa, ambientalmente mais harmoniosa.

É o que tu sentes. O passado bate com o presente. Hoje ela é isso, mas até hoje não tem intermediário e tem uma relação que é mais do que comercial, pois ainda é um público de agricultores com uma base ética. (DIEHL, 2018).

Para Glaci Alves (2018, entrevista), o espírito da feira inicia com a junção de duas energias, ou egrégoras<sup>48</sup>: a de quem militava e se preocupava com a questão ecológica de um ponto de vista macro, somando-se a energia dos naturalistas da Grande Fraternidade Universal que se preocupavam com os alimentos, a yoga e a meditação. Porém, a entrevistada destaca que a energia da feira começou na *Tupambaé*, quando aqueles que estavam no movimento começaram a ter coragem de fazer um evento de muita militância, pouca remuneração - visto que não tinha nenhum patrocínio - mas que era a própria prática da cultura ecológica, com o apoio das egrégoras do cooperativismo, naturismo, dos ecologistas.

Os agricultores, que passavam a semana na lida do campo, acordavam de madrugada para vender e não tinham condições de fazer o discurso ecológico. Dessa forma, Glaci Alves (2018, entrevista) enfatiza o papel essencial dos que pensavam a feira em relação à comunicação, ao marketing e à informação qualificada nesse intercâmbio rural-urbano: o Jornal 1ª Quadra dos alunos de Jornalismo da UFRGS. A ideia era criar uma atmosfera de informação qualificada

---

<sup>48</sup> Segundo a Gnosis, egrégora é a estrutura energética, formada pela energia coletiva de um determinado grupo. Para os ocultistas ela pode ser definida como uma entidade psíquica mantida pelos pensamentos e vibrações de um grupo que compartilha ideias, esforços para uma finalidade/trabalho em comum. Saiba mais em: <http://www.sgi.org.br/pt/magia/as-egregoras-sua-formacao-e-seus-poderes/> Acesso em: 03 nov. 2018.

buscando aproximar todos os agentes participantes da feira. Para os consumidores havia além dos cartazes com informações do movimento ambientalista e ecológico, havia muita informação sobre a história das bancas, buscando fortalecer os laços da relação do consumidor com o agricultor<sup>49</sup>.

O espírito do lugar é transitório, dinâmico, impermanente, assim como nossa experiência e o universo que conhecemos. Ele vem, vai, volta, conforme o fluxo da mudança, inerente aos fenômenos. Está presente em um sorriso, um amanhecer, um cheiro de uma fruta fresca, uma forma de falar, de andar, em uma atitude, nos valores, em um pensamento. Se ninguém mais vê, ele desaparece, mas se apenas um ser dá energia a ele, ele permanece, muitas vezes como vento que preenche todo o lugar ou como brisa suave.

---

<sup>49</sup> No capítulo 4 do presente trabalho abordaremos essa relação e seus desdobramentos.

#### 4 (RE)VIVENCIANDO OS CICLOS A PARTIR DA RELAÇÃO E DA RECONEXÃO

*A humanidade não está apenas sobre a Terra, ela é a própria Terra que se comove, volta-se sobre si mesma, ama, cuida e venera.*  
Leonardo Boff

A experiência-base do ser humano é o sentimento, o afeto e o cuidado a partir de uma coexistência. O cuidado é ativo, uma responsabilização com envolvimento afetivo. Boff (2011) apresenta o cuidado como característica singular e a primeira raiz do ser humano. No mito de Higínio<sup>50</sup>, o cuidado é a personificação de um modo-de-ser essencial, que estrutura e constitui o humano. Para o autor, nós não o possuímos, mas somos cuidado. Sem ele, deixamos de ser homens e mulheres. De acordo com dicionários da filologia, cuidado vem do latim cura e convém às coisas espirituais.

A fábula-mito de Higínio nos conta que o Cuidado viu um pedaço de barro e decidiu dar-lhe forma. A Terra deu o corpo e Júpiter<sup>51</sup> soprou o espírito. Saturno, como árbitro, decidiu que a obra ficaria sob os cuidados de Cuidado, já que foi que o moldou. Saturno então decidiu que o nome da obra seria Homem, que significa húmus, terra fértil.

A Terra recebe muitos nomes nas tradições greco-romanas: Gaia/Tellus, Deméter/Ceres, Héstia/Vesta. No período paleolítico que era matriarcal, próprio universo era uma grande mãe (*Mater Mundi*) onde tudo era criado e gerado por si mesma. Aos poucos a Terra, princípio feminino, útero que recebe a semente, o acolhimento, se torna uma parte da realidade, a Grande Mãe, que gera, nutre e dá vida. Esposa do Grande Pai, ela se compõe e contrapõe à outra parte desse todo, ao Pai Céu (*Pater Coelorum*), que representa o masculino, a semente, o elemento organizador (BOFF, 2011).

Gaia, na tradição grega, ou Tellus, na cultura romana, representa a deusa do planeta Terra. James Lovelock, químico atmosférico formulou a ideia, a partir dos

---

<sup>50</sup> Gaius Julius Hyginus, era um brilhante e culto jovem de Alexandria levado como escravo para Roma por Otávio Augusto em 47 d.C, que como sinal de posse foi chamado Caio Julio Higino. Foi liberto como escravo, mas continuou prestando serviços ao imperador. Foi diretor da Biblioteca Palatina e por mais de 40 anos povoou e animou a vida cultural de Roma. Publicou muitas obras sobre fábulas e mitologia dos deuses, ecologia, agricultura. (BOFF, 2011).

<sup>51</sup> Júpiter, na tradição romana, é o deus criador do céu e da terra, dos deuses e dos seres humanos. É a luz, raios, relâmpagos, trovões. É o protetor da agricultura, que depende muito da luz e dos fenômenos atmosféricos. Júpiter é representado como doador da vida e do espírito, da produção e reprodução do mistério da vida. (BOFF, 2011).



primeiros voos da NASA de 1960, da Terra enquanto um super sistema vivo, autorregulador e auto-organizado (CAPRA, 2009). Da perspectiva da Lua, não há distinção entre Terra e Humanidade, sendo ambas uma única entidade. Com a noção de noosfera,<sup>52</sup> a esfera inteligente e espiritual da Terra, em que mentes e corações estão em sintonia, amor e espiritualização das intenções e motivações coletivas, percebe-se que a humanidade é a própria Terra, com completa solidariedade entre todos que a habitam.

Vivemos no período ecozótico-espiritual, a era da vida ecologizada. A principal característica desse período é a mútua colaboração entre a Terra e a Humanidade e dos valores de grande densidade espiritual (BOFF, 2002). A própria palavra ecologia (do grego *oikos*, "lar") é o estudo das interligações relacionais dos membros do Lar Terra. Na contemporaneidade as concepções de comunidade e rede ampliam a visão ecológica com uma nova perspectiva das hierarquias: na Natureza, não há a concepção de acima ou abaixo, mais forte ou fraco e sim sistemas vivos como redes aninhadas dentro de outras redes. (CAPRA, 2009).

A Carta da Terra<sup>53</sup> exalta o fato de que a Terra, nosso lar, nos proporcionou todas as condições favoráveis para a evolução da vida. Também sugere que o espírito de solidariedade e irmandade é fortalecido pelo movimento de reverência, gratidão e humildade frente ao mistério da existência. A Carta sugere a criação de uma sociedade civil global para cuidar do planeta e uns dos outros a partir de uma aliança cunhada na Responsabilidade Universal para superar os desafios atuais ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais.

Antes da hegemonia da razão, o ser humano vivia em ligação com as realidades sentidas, pertencendo a natureza das coisas e as coisas pertencendo a sua natureza, em integração. O indivíduo moderno e pós-moderno, dotado de *logos* (raciocínio) precisa equilibrar o sentir (*pathos*) para que o coração reencontre o cuidado, a relação amorosa com a realidade. (BOFF, 2009).

---

<sup>52</sup> Pierre Teilhard de Chardin (Orcines, França, 1881-1955) foi um teólogo, filósofo jesuíta que buscou conciliar ciência e fé. Para ele, todo o processo de evolução se apresenta como espiral em movimento de convergência e ascendência. Dividiu a história da vida e do ser humano em três períodos: *cosmogênese* (criação); *biogênese* (aparecimento de vida) e *antropogênese* (surgimento do ser humano) que flui até o *ponto omêga*, o grau máximo de aperfeiçoamento do Universo e a união com o divino, se completando na *crístogênese*. Nas duas últimas etapas a humanidade se integra à *espiritualização* do Universo, denominado *noosfera*. (BETTO, 2011).

<sup>53</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>> Acesso em: 29 set. 2018.

A Responsabilidade Universal, trata do sentimento de identificação de cada um com toda a comunidade terrestre, bem como com a comunidade local. Ao mesmo tempo que somos cidadãos de nações diferentes também co-habitamos a mesma casa e estamos ligados através do espírito de solidariedade, compaixão e bondade amorosa com todos os seres da comunidade mundial. Dessa forma, retornamos ao conceito de que somos interdependentes e inseparáveis, ou seja, para preservar a nossa vida, precisamos preservar a vida dos seres vivos e dos não-vivos como os recursos, ar, água que também fazem parte desse sistema. (BOFF, 2012).

A Responsabilidade Universal e a Cultura de Paz são meios de gerar benefício a todos os seres, cuidando dos outros e do ambiente como uma forma de garantir o nosso próprio bem-viver. Vivemos em momento com muitas dificuldades na questão ambiental e em termos sociais e a mudança começa com o reconhecimento de vivemos em uma rede interdependente. É através do cuidado com as nossas ações, que podemos estabelecer relações positivas com os outros seres, no ambiente social e natural. (SAMTEN, 2010).

Em acordo, Celso Marques (2018, entrevista) recorda o trecho da Declaração pelo Aquerenciamento Planetário<sup>54</sup> que proferiu em conferência com Fritjof Capra, Leonardo Boff e Lama Padma Samten no Fórum Social Mundial de 2003<sup>55</sup>: "Na perspectiva da sabedoria gaúcha, o problema ecológico é a humanidade estar desaquerenciada da Mãe Terra, da Pachamama, de Gaia, a suprema morada do homem." Explica que "aquerenciado" é estar de bem em um determinado espaço, é se sentir feliz pertencendo a esse lugar de forma íntima e integrada.

Nesse sentido, a feira é este espaço de "aquerenciamento". Ao mesmo tempo esse "algo a mais" da FAE brilha na relação profunda do cidadão urbano com os detentores do saber - os guardiões da terra - que nesse encontro, conforme Aldaci Bellé (2018, entrevista), são espíritos que se (re)conhecem, se procuram e se encontram novamente.

Aldaci Bellé (2018, entrevista) conta que percebeu há pouco tempo que existem três tipos de urbanos que vão à feira: os amigos, os parceiros e os clientes.

---

<sup>54</sup> Ler na íntegra em: <[http://www.agirazul.com.br/fsm4/\\_fsm/00000066.htm](http://www.agirazul.com.br/fsm4/_fsm/00000066.htm)> Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>55</sup> A referida Conferência ocorreu no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, em 25 de janeiro de 2003 com mais de 3 mil pessoas presentes. Foi organizada por várias instituições da cidade incluindo a Cooperativa Coolméia, a AGAPAN e a UFRGS.

Os clientes são os que vão comprando em todas as bancas, trocam conversas simples. Os parceiros são aqueles que gostam do produto, valorizam. Os amigos, são aqueles que, muitas vezes nem compram, mas passam para dar um bom dia, um abraço, trocar um afeto. Para a agricultora, essa conexão espiritual entre as pessoas é “o amor que os consumidores têm pelos produtores”. A gratidão ela sente, a fortalece e a motiva a querer produzir mais.

Para Pedro Lovatto (2018, entrevista), desde o início a feira não é apenas um local de troca de mercadoria por dinheiro. É onde os agricultores e agricultoras se realizam, se abastecem e se alimentam com a energia, com o reconhecimento e a gratificação dos frequentadores, criando assim relações profundas de amizade e algumas vezes com sentimentos até familiares. Pontua que voltam para casa realizados, pois o alimento que fornecem foi produzido com trabalho agredindo muito pouco natureza e muitas vezes até a recuperando.

Juarez Pereira (2018, entrevista) constata que a feira é uma troca, um caminho de mão dupla: da mesma maneira que os agricultores e a construíram, eles também são construídos por ela. O agricultor relata que quase todas suas relações surgiram através da feira, ele explica:

Desde cedo eu percebi no encontro com os parceiros urbanos não está recebendo só pagamento monetário, mas uma outra forma de pagamento pelo respeito, admiração, carinho, leia-se amor. No quarto ano na feira, ouvi os comentários que o alimento melhorava a cada safra. *Conclui que o amor que eu recebo na rua e levo para casa e planto*. No ano seguinte, essa relação com o ambiente/terra dá um fruto com esse sabor acrescentado, o sabor do amor que eu recebo na cidade. (PEREIRA, 2018, grifos nossos).

A relação de reciprocidade na fala de Juarez Pereira (2018, entrevista) revela sentimento que Leonardo Boff (2011, p. 111) define como “benquerença e pertença” através do amor. Boff explica que: “O amor é um fenômeno cósmico e biológico. Ao chegar ao nível humano, ele se revela como uma grande força de agregação, de simpatia e de solidariedade”. Frei Betto (2011, p. 93) recorda Pierre Teilhard de Chardin: “o amor é a expressão suprema da energia humana. É a energia fundamental que move o universo”. Chardin acreditava que a unificação da humanidade em harmonia se dá através de uma energia afetiva, com a necessidade de aperfeiçoamento mútuo dos seres humanos, com a força de atração do amor que estaria na fonte do *Superamor Absoluto* (BETTO, 2011).

Franciele Bellé (2018, entrevista) que cresceu na feira e a sente como um espaço familiar, pontua que tem vários "pais", "irmãos", "tias" e "avós" que a viram crescer, dormir embaixo da banca e hoje comentam que a vem com os filhos, dando entrevista, aparecendo na televisão. Juarez Pereira (2018, entrevista) também relata como as mulheres grávidas da feira, assim como as crianças que nascem, são acompanhadas e recebem muito carinho dos parceiros urbanos, que muitas vezes oferecem coisas dos próprios filhos. Franciele Bellé (2018, entrevista) recorda que quando engravidou, ficou recebendo presentes durante um ano, de pessoas que muitas vezes ela não tinha uma relação.

É uma relação de amizade, cumplicidade. Eu fico muito feliz que tem gente que ainda consegue levar os filhos para a feira, eles talvez nem sabem o quanto bem tão fazendo para aquela criança. A conexão que temos com aquele lugar é muito forte. (BELLÉ, F., 2018).

Para Barbara Benz (2018, entrevista), a riqueza da feira está em trocar ideias com os agricultores que trazem a energia da prática e do conhecimento concreto do solo, dos ciclos da natureza e sabedoria do cultivo. Essa troca a equilibrou visto que atuava de uma forma muito mais racional e teórica.

Do diálogo com o Tu - concretizado a partir de uma fisionomia, de um rosto com um olhar - se constitui um Eu. E desse encontro, nasce a ética zelosa, responsável, libertadora, sinérgica. A ética vem do grego *ethos* que também quer dizer morada, que deve ser sempre refeita e cuidada para que se possa morar bem e viver bem. Para isso, é necessário formas, hábitos e normas positivas que conduzam as ações. Boff (2009) cita que Aristóteles dizia que o centro do *ethos* é a felicidade que, ao fim e ao cabo, é a autorrealização do cidadão na dimensão pessoal e social.

Pedro Lovatto (2018, entrevista) recorda que, antes da transição, observava o momento que carregava o caminhão, e se indagava sobre sua mercadoria que na verdade era a comida que alguém ia consumir: com veneno. Ele sabia que alimento e veneno são coisas que tem que ficar longe. A partir da sua transição ele percebeu que o que dá o sentimento de autorrealização pessoal e social, o sentido a sua vida e a sua existência é fornecer alimento limpo, sabendo que a natureza não foi agredida e que as pessoas vão se alimentar com um produto de qualidade e saudável.

Quando Juarez Pereira (2018, entrevista) começou a resgatar sementes e salvaguardá-las, percebeu a sua "cota de responsabilidade com a humanidade, resgatar e proteger sementes até que a sociedade as investigue". Para o agricultor essa é a seu compromisso espiritual, o "algo a mais" que ultrapassou o limite do recurso econômico e passou a representar os frutos de uma relação ser humano/ambiente, ser humano/terra a partir do alimento que é oferecido por ele.

Cintia Miró (2018, entrevista), budista e aluna de Lama Padma Samten, lembra que desde a Coolméia e a feira sempre tiveram uma relação positiva com o entorno a partir da ação da "boa vizinhança":

Nos dávamos super bem com os padres da igreja Santa Terezinha, pedíamos auxílio em problemas internos da Coolméia, acendíamos velas quando a situação não estava boa, fazíamos missa quando alguém morria. Nos dávamos bem também com a cafeteria Maomé de baixo. [...] esse espírito pairava acima de todas as dificuldades. (MIRÓ, 2018).

De acordo com Lama Samten (2010) ao viver a Cultura de Paz, todos os seres são aliados: Assim como nós mesmos, todos buscam a felicidade e buscam se livrar do sofrimento. Sem aversão aos seres e as situações negativas, geramos méritos<sup>56</sup>, os quais Cíntia Miró (2018, entrevista) acredita que sustentaram a feira em meio a todas as dificuldades, inclusive o fim da Coolméia e embates com a prefeitura:

A feira gera méritos oferecendo esses benefícios e vai se retroalimentando de méritos. Ela não faz mal a ninguém e não existe outra igual no mundo. Isso é uma estrela nos ombros para uma prefeitura, não tem como desfazer isso. Ela gera um ambiente pacífico, de oferecimento, sem ameaça. É um bom lugar, auto-organizado, que não exige muito do poder público, apenas o espaço. Fica cada vez mais difícil de ser atingido. Em um ambiente assim é pouco provável que quando ocorre uma desestabilização, o próprio ambiente não a sustente. Isso é um poder enorme, como o Lama diz, a melhor ação é a ação de gerar méritos e pacificar o entorno, sem produzir ações negativas. (MIRÓ, 2018).

Foi em um dia de trabalho que Pedro Lovatto (2018, entrevista) teve sua reconexão com os ciclos naturais. Conta que desde a infância gostou do mato, do cheiro, de comer frutas do pé, caminhar, reconhecer plantas. Um dia decidiu ficar

---

<sup>56</sup> Segundo Lama Padma Samten, em ensinamento no CEBB Caminho do Meio em 21 de dezembro de 2015, gerar méritos significa "que estamos fazendo alguma coisa positiva e aquilo está melhorando a vida dos seres em alguma direção. Se fizermos o contrário, pode perdurar por um tempo, mas tem uma hora em que afunda. A forma como vivemos gera impacto sobre nós mesmos." Ler completo em: <<http://www.cebb.org.br/a-moeda-e-merito/>> Acesso em: 01 nov. 2018.

sozinho na lavoura enquanto seu pai e seu irmão foram almoçar. Foi então que, intuitivamente, percebeu as folhas que estavam caídas no chão e prestou atenção que abaixo delas, tinha uma camada de material em decomposição, mais abaixo húmus e só depois a camada de terra. Inspirado, (re)conheceu e (re)vivenciou o ciclo natural da Natureza e sua abundância de vida. "Sem ninguém adubar, cultivar, arar, capinar. Comecei a indagar uma forma de agricultura que buscasse inspiração na própria natureza, um modelo absolutamente sustentável." (LOVATTO, 2018).

Juarez Pereira (2018, entrevista) pontua que são os nossos próprios ciclos que nos dão a compreensão dos ciclos da Natureza e é ela que nos propõe os ciclos. Segundo o agricultor, não a conseguimos "aprisioná-la em um livro, é impossível querer colocar o Universo em poucas palavras". Para Juarez Pereira (2018, entrevista), a relação do agricultor ao cultivar o alimento é resultado da participação mútua do ser humano com a Natureza e seus reinos, incluindo o Reino dos Elementais<sup>57</sup>, que acredita acionar, ativar e impulsionar as energias que também são construtoras de histórias, de sabedoria e entendimento.

Barbara (2018, entrevista) vê os agricultores como "guardiões da biodiversidade", os cuidadores da terra. Sublinha que o reconhecimento desse papel é importante frente ao momento que vivemos, visto que grandes corporações têm o desplane de patentear sementes e tentar forçar governos a limitar a variedade de sementes, a querer limitar a biodiversidade.

Para Capra (2009) é necessária uma "alfabetização ecológica" de modo que possamos nos reconectar com a teia da vida, construir e educar comunidades em respeito e preservação da Natureza para as gerações futuras. Isso significa entender e se inspirar nos princípios das comunidades ecológicas (ecossistemas) para criar comunidades humanas sustentáveis.

A FAE oferece um espaço de mediação na cidade para o encontro e o aprendizado com a Natureza. A feira propaga um imaginário ecológico a partir sabedoria da terra, transmitida pelos agricultores e agricultoras e materializada nos alimentos que não só nutrem o corpo, mas também a alma. Para Pedro Lovatto,

Eu não sou apenas um produtor rural, eu não estou na terra apenas produzindo, eu estou vivendo, me misturando com a natureza. Buscando

---

<sup>57</sup> Correntes religiosas, místicas e ancestrais acreditam que no Reino dos Elementais que se refere aos seres que estão além do plano físico e presentes em todas as atividades da Natureza. Esses seres estão ligados aos quatro elementos, sendo a terra, água, fogo e ar.

cada vez mais produzir e viver em harmonia com a natureza, de corpo e alma. (LOVATTO, 2018).

A sensibilização a partir do Espírito da Feira, composto por todos os componentes materiais e imateriais nos reconecta com o princípio da interdependência, ou seja, todas as coisas e seres estão interligados em uma vasta rede de relações. Para Capra (2009) nutrir a comunidade é nutrir as relações de um ponto de vista sistêmico, das partes para o todo.

Em um padrão espiral, não-linear a Natureza se retroalimenta, se auto-organiza e se preserva em cooperação. Enquanto isso, os sistemas hegemônicos da comunidade humana são lineares, competitivos e destrutivos. A Natureza faz parcerias, forma associações, estabelece ligações para que os parceiros possam co-evoluir: cada parceiro passa a entender mais profundamente a necessidade do outro.

## 5 O CAMINHO SE FAZ AO COMPARTILHAR E CELEBRAR

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*  
Eduardo Galeano

Compartilhando e celebrando o caminho fica mais bonito. Na companhia daqueles que nos fazem bem compartilhamos nossos ideais e nossas utopias em um encontro nutritivo o qual nos dá mais força para caminhar. É nos encontros, como disse Aldaci Bellé (2018, entrevista), que nossos espíritos se (re)conhecem e isso é motivo de celebração.

No decorrer deste trabalho, surgiu um universo de questões para serem aprofundadas. O foco foi elucidar o Espírito do Lugar da FAE e a feira enquanto mediadora sensível da *pólis* com o Cosmos através da sua materialidade e inúmeras imaterialidades, o que a torna um patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre.

Dentro de um contexto de promessas de progresso e sucesso financeiro, o poder hegemônico "monocultivou" nossa terra - com a Revolução Verde - e também nossa mente, reduzindo nosso olhar ao âmbito econômico. Assim, nos afastamos da nossa dimensão profunda, do nosso espírito e do espírito que tudo permeia. Na cidade, vivemos encarcerados em meio ao concreto, nos alimentamos com comida de mentira, consumindo, produzindo e gerando resíduos sem parar. No campo, as condições de trabalho também são péssimas e a Natureza tem sido desrespeitada e destruída, a partir de uma visão utilitarista sem limites.

A partir disso, nasceram movimentos que buscaram reverter esse cenário através de uma cultura ecológica, ancorada em um novo paradigma de conhecimento, o holístico. Ao mesmo tempo, movimentos espirituais da Nova Era e do budismo questionam os modos de vida, no âmbito social e econômico e incentivaram o despertar espiritual. Esse momento de tomada de consciência ecológica teve muita força no estado do Rio Grande do Sul pela presença de grandes pensadores e militantes como Lutzenberger, Ana Primavesi, Sebastião Pinheiro entre outros e movimentos como a ADFG e a AGAPAN.

Nesse contexto nasceu a Coolméia, cooperativa que atuou em Porto Alegre de 1978 a 2006 com objetivo de semear o ecologismo, naturismo e naturalismo.



Vanguardista, no dia 14 de outubro de 1989 realizou a primeira feira ecológica do Brasil em Porto Alegre buscando aproximar o campo e a cidade a partir da relação de venda direta de produtos ecológicos dos agricultores para os cidadãos urbanos.

Há quase 30 anos todos os sábados independente do tempo e da época do ano, 122 famílias de agricultores familiares são beneficiadas diretamente pela feira e estima-se que 15 mil pessoas transitem pela rua José Bonifácio para adquirir alimentos limpos, sem venenos e cultivados com respeito a Natureza e aos seres que nela habitam. Assim, neste trabalho buscou-se compreender de que forma a FAE se tornou parte do cotidiano de tantas pessoas a partir dos elementos materiais e imateriais que a constituem e são constituídos por ela.

É necessário reconhecer para se enraizar. O conhecimento e valorização do patrimônio é um instrumento de fortalecimento das identidades e culturas de um grupo. A cultura é terra fértil para o desenvolvimento positivo, tanto econômico, quanto social, emocional e espiritual. Sendo autônoma e empoderadora, a valorização do patrimônio contribui para o sentimento de pertença, autoestima e autorrealização dos indivíduos que o constituem.

A FAE é uma mediadora sensível de encontros e espaço de prática ecológica, uma “célula da sociedade de queremos” conforme disse Juarez Pereira (2018, entrevista). Sendo muito além de um mercado, ela proporciona o encontro de mundos diferentes unidos ideologicamente pelo cuidado e amor pela vida na Terra. Ela preserva, comunica e salvaguarda o maior bem comum da humanidade.

Como a feira está localizada em um espaço público da cidade, ela pode ser considerada também um espaço de exercício da cidadania e democracia. Facilitando o encontro de diversos grupos de forma saudável na cidade, com respeito à diversidade - e agrobiodiversidade - a partir da ética planetária que ecoa nos múltiplos discursos e práticas da FAE.

Dentro dessa perspectiva, o olhar ecológico proporciona um reencantamento com o majestoso Mistério. Nós, seres humanos, somos hiper-complexos e nos constituímos, assim como toda a vida no planeta Terra, a partir de redes. Temos as dimensões externas, como nos colocamos e nos relacionamos com o mundo; as internas, nossa *psiqué* ancorada em nossos desejos; e a profunda que diz sobre a nossa espiritualidade, o que nos faz sentir pertencente ao Todo. Para isso, passamos por um processo de religação com a dimensão mágica e sagrada da vida, amadurecendo e vivendo em harmonia com as forças cósmicas que estão muito

além da nossa experiência material. Dessa forma, nos reconciliamos e temos a oportunidade de ampliar a visão e nos transformarmos enquanto é tempo, frente a crise ecológica e de visão que vivemos. É um ato político.

Compreender o espírito da feira é uma maneira de descobrir e legitimar os elementos (materiais e imateriais) que a caracterizam e que fazem as relações entre os objetos materializados e os contextos materiais e imateriais que os envolvem. A FAE é um espaço de florescimento de qualidades positivas e isso que a faz prosperar e resistir. Gerando benefícios, ela impulsiona a melhoria das relações com os outros, com a sociedade e com a natureza.

Para quem percebe o espírito de forma visceral, ele é capaz fazer brotar uma nova forma de vida, baseada no cuidado a Mãe Terra, recebendo e percebendo todos os benefícios de sentir felicidade em estar em integração, harmonia e em estado de amor, a energia fundamental que move o universo.

A FAE é feita principalmente das relações afetivo-amorosas em um espaço que acolhe, onde quem está atrás da banca oferta o alimento e toda a sabedoria materializada nele e quem está do outro lado, oferece gratidão, admiração e reconhecimento. Os agricultores que sustentam o espírito da FAE são os mais engajados politicamente no processo de construção do discurso e propagação da cosmologia ecológica.

A agroecologia é um dos caminhos para mudar o mundo. Para isso, a mudança começa dentro de nós, nas nossas escolhas diárias. Se ampliamos nossa visão e conseguimos nos enxergar inseparáveis uns dos outros e dos objetos, a forma como nos nutrimos é como nutrimos os outros. O jeito que nos relacionamos é como seremos acolhidos pelos que estão ao nosso redor. A promoção da agroecologia engloba o bem-estar humano através do comércio justo e da economia solidária e da saúde dos seres e do Planeta Terra.

Que a utopia nos faça caminhar, acreditando que somos capazes de sonhar, realizar e transformar. E que gere muitos benefícios.

## REFERÊNCIAS

- BETTO, Frei. *Sinfonia Universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 127p.
- BOFF, Leonardo. *A dimensão do profundo: o espírito e a espiritualidade*. 2012. Disponível em <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/08/27/a-dimensao-do-profundo-o-espírito-e-a-espiritualidade>> Acesso 04 de outubro de 2018.
- BOFF, Leonardo. *Do iceberg à Arca de Noé. O nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária*. Disponível em <<http://leonardoboff.eco.br/site/vista/outros/espiritualidade.htm>> Acesso 04 de outubro de 2018.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Associativismo rural*. 2016. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/cooperativismo-associativismo/associativismo-rural>> Acesso em 28 de agosto de 2018
- BRIQUE DA REDENÇÃO. *Site institucional*. Disponível em: <<http://briquedaredencao.com.br/institucional/>> acesso em 04 de novembro de 2018.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CORÁ, Maria Amélia Jundurian. Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil. *Revista NAU Social* - v.4, n. 6, p. 120-132 Mai/Out 2013.
- COSTA, H. H. F. G. da. Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória. In *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012.
- DALLA ZEN, Ana Maria. A Crise de paradigmas e a ressignificação do conhecimento para o século XXI. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 49-63, jul./dez. 2010.
- FEIRA DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS (FAE). Regimento interno. Porto Alegre, 2012. Disponível em <[laurinhaneis@gmail.com](mailto:laurinhaneis@gmail.com)>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 2.<sup>a</sup> ed. ampl. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos. 6.<sup>a</sup> Edição. Vasco Gil, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-35, jan/jun/2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Dicionário do Patrimônio Cultural*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85>> Acesso 04 de novembro de 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio Imaterial*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso 04 de novembro de 2018.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NÓR, Soraya. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. *Paisagem e ambiente: Ensaios* - N. 32. São Paulo, 2013.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. *TCC: Métodos e técnicas*. 2.<sup>a</sup>ed. rev. atual. Florianópolis: Visual Books, 2011.

PINHEIRO, Sebastião. *Sebastião Pinheiro: o agronegócio transformou-se em algo que não é mais agricultura*. [Entrevista cedida a] WEISSHEIMER, Marco. **Sul21**, Porto Alegre, 8 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/areazero/2018/01/sebastiao-pinheiro-o-agronegocio-transformou-se-em-algo-que-nao-e-mais-agricultura/>> Acesso em: 01 jul. 2018.

POHL, Ângelo Inácio. Patrimônio Cultural e representações. In MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org). *Educação Patrimonial: perspectivas*. Santa Maria: UFSM, Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SAMTEN, Lama Padma. *A roda da vida: como caminho para a lucidez*. São Paulo: Petrópolis, 2010.

SAMTEN, Lama Padma. *Terra Pura e Comunidades*. Disponível em: <<http://www.cebb.org.br/terra-pura/>> Acesso em 03 de outubro de 2018.

SAMTEN, Padma. *O lama e o economista – diálogos sobre budismo, economia e ecologia*. Padma Samten e Vitor Caruso Jr. São Carlos: RiMa, 2004.

UNESCO. *Convenção da UNESCO para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%200Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf>> Acesso 04 de novembro de 2018.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O Encantamento do Humano: Ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *Declaração de Caracas*. Relatório final do seminário “A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios”. Caracas, Venezuela, 16 jan.- 6 fev. 1992.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

## **APÊNDICE 1**

### **Lista de entrevistados**

ALVES, Glaci Campos. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 26 jul. 2018.

BANDEIRA, Denise. Entrevista por e-mail. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 01 nov. 2018.

BELLÉ, Aldaci. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 24 jul. 2018.

BELLÉ, Franciele. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 16 out. 2018.

BELLÉ, Nélio. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 24 jul. 2018.

BENZ, Barbara. Entrevista por e-mail. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 11 set. 2018.

DIEHL, Nelson. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 24 jul. 2018.

LOVATTO, Pedro. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 03 nov. 2018.

MARQUES, Celso. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 23 out. 2018.

MIRÓ, Cintia. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 30 set. 2018.

PEREIRA, Juarez Antonio Felipe. Entrevista pessoal. Porto Alegre, 2018. Entrevista concedida para a realização deste trabalho em 09 out. 2018.

**APÊNDICE 2**  
**Roteiro das entrevistas: Agentes fundadores da FAE**

NOME:

MINI BIOGRAFIA:

NA FAE DESDE:

- 1) Como foi o seu envolvimento e motivações na Coolméia?
- 2) Você teve contato com a Grande Fraternidade Universal? Ela influenciou na criação da Coolméia?
- 3) Hoje em dia, a FAE compartilha da mesma ideologia da Coolméia?
- 4) Na sua opinião, qual foi a motivação para a criação da feira, visto que a Coolméia já tinha um entreposto?
- 5) Uma feira agroecológica na cidade gera que tipo de benefícios? Para quem?
- 6) Como aconteciam os primeiros contatos com os agricultores na Coolméia? Quais foram os primeiros (produtores, associações, cooperativas)? De quais cidades?
- 7) Da onde veio a ideia da primeira feira? Como era a organização?
- 8) Quais foram as estratégias de comunicação e divulgação da feira?
- 9) Como o poder público recebeu a feira? E a população?
- 10) Qual é a importância da FAE na Cidade de Porto Alegre? Ela pode ser considerada um patrimônio da cidade? Como se fosse um legado para deixar às gerações futuras ou parte da história da cidade?
- 11) O que a FAE tem/faz de especial, de diferente em relação às demais feiras agroecológicas e orgânicas de Porto Alegre?
- 12) Você consegue identificar um espírito ou uma aura da FAE?
- 13) Que agricultores compartilharam das motivações de criação da FAE?
- 14) Você consegue identificar uma visão de mundo especial, uma cosmologia agroecológica?
- 15) Para você o que é Cultura Ecológica? Como ela influencia o nosso bem viver?

### APÊNDICE 3

#### Roteiro das entrevistas: Agricultores

NOME:

CIDADE:

PARTICIPA DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU COOPERATIVA?  
NA FAE DESDE:

- 1) Como tu e a tua família/associação chegaram à FAE?
- 2) O que representa para a vida de vocês vir a Porto Alegre todos os sábados? Como é o processo de vinda?
- 3) O que significa trabalhar em prol da alimentação das pessoas? E trabalhar com alimentação agroecológica? O que te motiva a acordar todo dia para ir para a lavoura?
- 4) O que é a conexão com a terra?
- 5) Como tu enxerga a relação do agricultor com os frequentadores/consumidores urbanos?
- 6) Para você o que é Cultura Ecológica? Como você entrou em contato com essa cultura? Acredita que é passada de geração em geração?
- 7) Na sua opinião, existem tipos diferentes de clientes quanto ao engajamento e entendimento da feira e da cultura ecológica?
- 8) Quais são as trocas realizadas nesse encontro?
- 9) Para você, a FAE pode ser considerada um patrimônio da cidade? Como se fosse um legado para deixar às gerações futuras ou parte da história da cidade?
- 10) O que é espiritualidade para você? Como ela se aplica no teu trabalho?
- 11) Na sua opinião, os lugares podem ter um espírito? Você sente que a FAE possui um?
- 12) O que a FAE tem/faz de especial, de diferente em relação às demais feiras agroecológicas e orgânicas de Porto Alegre, visto que ela pode ser considerada até mesmo um ponto turístico da cidade?



**APÊNDICE 4**  
**Roteiro das entrevistas: Parceiros urbanos da FAE**

NOME:

IDADE:

CIDADE:

FREQUENTA A FAE DESDE QUANDO? COMO CONHECEU?

- 1) Você frequenta a FAE desde quando? Como você entrou em contato com a agroecologia e com a feira?
- 2) Você frequenta outras feiras agroecológicas? Quantas vezes por mês?
- 3) Quais são seus cuidados com a alimentação? Você acredita na alimentação como um ato cultural e político?
- 4) Podemos mudar o mundo através da agroecologia e a da cultura ecológica?
- 5) Qual é a importância da FAE na cidade de Porto Alegre? Ela pode ser considerada um patrimônio da cidade? Como se fosse um legado para deixar às gerações futuras ou parte da história da cidade?
- 6) Você reconhece a FAE enquanto um espaço de práticas culturais e políticas?
- 7) Qual é a importância/benefício de saber de onde vem teu alimento?
- 8) Como é sua relação com os agricultores? Você vai sempre nas mesmas bancas, constrói relações, conhece, troca ideias?
- 9) Como você os enxerga? Compartilha a visão de que eles são cuidadores da terra e dos alimentos?
- 10) O que a FAE tem/faz de especial, de diferente em relação às demais feiras agroecológicas e orgânicas de Porto Alegre? Você reconhece a feira é um lugar turístico para levar pessoas de fora?
- 11) Na sua opinião, os lugares podem ter um espírito? Você sente que a FAE possui um?
- 12) Como podemos preservar e fortalecer a feira?